

Clareta
- 0. Nov. 1943

AVULSO
1. ESC.
1.20

ANO III - N.º 129

4
NOVEMBRO
1943



Maria Domingas, um dos mais lindos sorrisos do Cinema e do Teatro da nossa terra, tem andado afastada dos palcos e estúdios. Por quê? Mistério... ou talvez não! Mas, agora, saudosa do contacto do público, ei-la que regressa. E sabem para quê? Para cantar na rádio! Maria Domingas vai cantar na rádio — ao microfone da Emissora Nacional. Aqui está uma boa notícia. E se lhe interessar saber mais alguma coisa, então abra esta revista e leia nas páginas interiores o que ela nos quis dizer...

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



ALEXANDRE MALHEIRO

Um escritor que o público leitor aprecia e que a crítica festeja. O seu último romance «Amaram-se na selva» constitui um dos seus melhores êxitos e uma das mais expressivas demonstrações do poder emocional do seu estilo, a que não falta originalidade e brilho literário.



DR. PEDRO BATALHA REIS
O Instituto para Alta Cultura acaba de lhe conceder uma bolsa de estudo a fim de que possa realizar um largo plano de trabalhos para o estudo e desenvolvimento da ciência numismática em Portugal. O sr. Dr. Batalha Reis, grande competência no assunto, é autor dos melhores livros portugueses, de numismática.



CABRAL DO NASCIMENTO
É um poeta de estípite, um lírico de acentuado sabor romântico, a que não falta expressão humana, dentro de fórmulas modernas. O seu último livro «Cancioneiro» vem ressendente dessa frescura clássica e modernista—duas escolas que tão bem se casam na poesia do autor.

AOUI entre Nós



PROFESSOR MARQUES GUEDES

A aliança anglo-lusa tem, agora, a sua história, feita com a consciência e o saber que seria justo esperar do seu autor. De facto, «Aliança Inglesa», o último livro do prof. sr. dr. Marques Guedes, é um trabalho que se inicia, definitivamente, consciencioso e completo, e a que nos referiremos de longada.



VARELA ALDEMIRA
Intitula-se Itinerário estático o novo livro do pintor Luiz Varella Aldemira que, em páginas de bom recorte literário, nos dá um diário de viagem «A caminho de Roma». Poucos artistas como este saberiam dar-nos tão notável conta da sua viagem de há anos, como bolsheiro do Instituto para Alta Cultura, a terras italianas. Esta excelente edição da Portugalíada é apenas a 1.ª parte de uma obra que será compreendida por dois volumes.



DR. RIBEIRO DA CUNHA
Um despacho acaba de o nomear delegado do governo junto da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro Portugueses, devendo em breve tomar posse do seu alto cargo. Por esse motivo, o sr. dr. Ribeiro da Cunha tem sido muito cumprimentado.

Inventário & Balanço

O Secretariado da Propaganda Nacional completou dez anos de existência. A propaganda é uma arma perigosa—porque leva ao descrédito quem a lança sem estar suficientemente seguro das afirmações que faz. Mas deixa de ser a partir do momento em que deixa de jogar com palavras, mas com realizações. Precisamente, algumas das melhores realizações do S. P. N., estão à vista, impondo-se pela sua própria eloquência—principalmente no que diz respeito à renovação, impulso e divulgação do gosto pelas artes.

Veto a Lisboa, há meses, um chefe de orquestra inglês, o dr. Malcolm Sargent. Pôs São Carlos de pé, num entusiasmo delirante. A visita foi agora retribuída pela visita, a Londres, de Pedro de Freitas Branco, um maestro português com verdadeira categoria europeia. Na Grã-Bretanha, reger quatro concertos em que incluiu algumas páginas de autores portugueses. O acolhimento foi o mais lisongeiro e, no seu regresso a Lisboa, Pedro de Freitas Branco pôde dizer do interesse que despertou, nos meios artísticos britânicos, a música portuguesa. Como se poderia chegar a essa conclusão sem a bela oportunidade de mostrarmos o que temos? A história dos ovos tem aqui outra evidente demonstração.

Mais dois aspectos de magnífico efeito publicitário: a Espanha envia-nos uma representação de primeira ordem da sua arte moderna, com obras de pintura e escultura que vão ficar, durante alguns dias, patentes aos olhos do público de Lisboa; a Suíça organiza e instala uma exposição geral das suas actividades, que durante alguns dias fica aberta no nosso sumptuoso Instituto Superior Técnico. São dois actos vivos de presença, dois países que chegam a mostrar-se e proclamam:—«Aqui estou». A sua presença fala por si e cada um de nós, em seu perfeito juízo crítico, pode comparecer, olhar, apurar e extrair as suas próprias conclusões.

E, para rematar, um episódio que vem nos jornais, exemplo característico da impotência de algumas pessoas para a compreensão do que verdadeiramente significa a propaganda: certa mulherzinha de Viana do Castelo, possuidora de uma sapataria, bradava aos quatro ventos que ninguém vendia botas e sapatos mais baratos do que ela própria. Um cliente entrou, escolheu e comprou o mais barato que lá havia, umas botas muito bonitinhas, muito bem amadas, pelas quais deu 95 escudos, o que seria uma verdadeira pechincha nesses tempos que vão correndo. Calçou as botas e dispunha-se, como aconteceu ao diabo, a correr a cidade inteira. O pior foi que, mal tinha andado uns centos de passos, as botas estavam desfeitas: eram de papelão. A polícia foi chamada, está claro, para quanto lhe cumpria perante tamanha desfaçatez.

Hoc illi dictum est qui...—como remataria o concituoso Phedrus.

Vida MUNDIAL
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69 - 2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844



UMA tarde destas, o Chiado presenciou um acontecimento que pode e deve considerar-se histórico: defronte da «Marques» caiu uma liga a uma senhora. Juntou-se logo gente. O trânsito parou. Fervilharam os mais descontraídos comentários. A senhora, vermelha como um pimento, recebeu a liga das mãos dum cavalheiro amável que a apanhou, mal teve coragem de murmurar «muito obrigado»—e enfiou para a primeira escada, a reparar aquela trágica «panne». Nessa tarde, o Chiado não falou de outra coisa, rindo e motejando. E, entretanto, nada mais perigoso do que brincar com uma liga de mulher. É mesmo mais perigoso do que brincar com a Liga das Nações



A produtividade literária está atingindo, entre nós, uma cifra razoável. Na verdade, está-se escrevendo muito. Pode mesmo afirmar-se que se está escrevendo demais. Então, romances não faltam. Atravessamos, positivamente, a hora do romance. Dir-se-ia que de quinze em quinze minutos, sai um. Mas porque se escreverá tanto? Porque haverá tantos romancistas? Não sabemos. O que sabemos é que nunca se escreve tanto—e infelizmente, nunca se disse tão pouco.

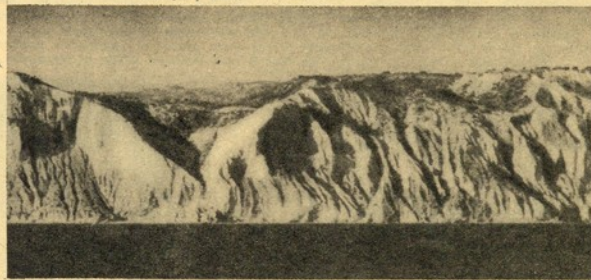


À RODA DA TERRA...



Dizem que Franco — o Caudillo — é o primeiro amor fotográfico de Espanha. Com a sua «Leica», emprende grandes passeios e faz fotografias admiráveis. Mais: tira imagens de todas as cerimónias oficiais, pelo que possui já um álbum único talvez no Mundo, em que ele é o único que não figura... Aqui o vemos, num desses momentos difíceis de disparar: atenção, meus senhores!

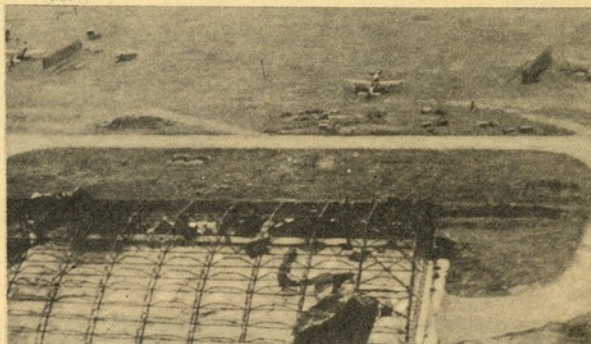
Na Itália, à medida que as tropas alemãs retiram em direcção ao Norte, os Aliados cuidam das vias férreas — verdadeiras veias que é preciso manter em bom estado, para a melhor circulação de tropas, material de guerra e viveres. Esta foto — não é verdade? — é surpreendente de beleza.



Fala-se em desembarques aliados em Creta. Mas, será isso possível? As abas da ilha são assim inhóspitas, pelo lado Sul. A costa setentrional oferece as maiores dificuldades para o ataque e as maiores vantagens para a defesa. Bastião avançado das tropas do Eixo, esta ilha é o «pivot» da defesa, no caso de ataques pelo sul.



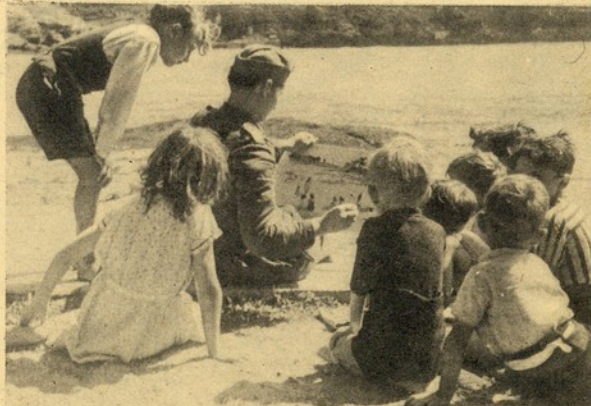
Não são soldados alemães. São argentinos, embora estejam fardados à alemã e os capacetes como as balonetas, seja um também de fabrico alemão. Ultimamente, os soldados argentinos, sob a direcção de técnicos alemães, têm sido submetidos a intensos treinos.



Para evitar a destruição de aviões quando pousados no solo, os aparelhos alemães são assim protegidos contra os ataques aéreos. Repare-se nos pequenos muros que isolam, ao longe, cada aparelho.



Este sino pertence a uma igreja dos arredores de Liege. Como outros, seguiu o destino da guerra. Os alemães tiveram que o arrancar ao seu campanário, para o aplicar nas fábricas de material de guerra. Diz-se que o cardinal-arcebispo de Malines, Primaz da Bélgica, fez um protesto formal, e afirma-se que as fábricas Ockartil, de Hoboken, se recusaram a fundir sinos requisitados.



Numa pequena cidade da costa do Atlântico, ainda há horas de paz e de encantamento espiritual. Um pintor, que é soldado e não abandona a farda, fixa na tela motivos pitorescos da região. À sua volta, as crianças que adoram «os bonecos», seguem com atenção os movimentos da mão do artista...

AS SEMENTES PARA OS ALIADOS DA AMÉRICA, SÃO EXAMINADAS NOS ESTADOS UNIDOS, ANTES DE SEREM ENTREGUES



Os resultados duma experiência de germinação tentada em diversas amostras de sementes de alho, guardadas num quarto com a luz do dia pelo mesmo espaço de tempo e sob as mesmas condições de temperatura. A fila em frente destas duas amostras mostra o poderes da alta germinação, e aquelas da fila de trás o resultado da baixa germinação.



Eis os resultados das experiências do mata-borrão dobrado com dois lotes de sementes. Um tecnologista levanta uma semente de rabanete, num mostruário duma boa germinação. A outra amostra de sementes de cebola, mostra uma fraca germinação, tal como atesta a presença do bolor.



Um tecnologista de sementes compara uma amostra de semente desconhecida com amostras de outras conhecidas, no laboratório herbário de sementes, que possui 30.000 amostras variadas.

O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos não abandonou um trabalho que, já antes da guerra, ocupava a sua atenção: ajudar as Nações Unidas a criar os alimentos de que necessitam, para se manterem na guerra. Este serviço é uma proveitosa consequência da «Federal Seed Act» de 1939, efectuada com o fim de fornecer aos lavradores americanos sementes de qualidade especial. Todas as amostras de sementes destinadas ao comércio interno, assim como as que se destinam às Nações Unidas ultramarinas, ao abrigo da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, são objecto do mais minucioso exame. Assim, as sementes para forragens e de hortaliça, agora adquiridas pelo Governo Federal, e destinadas ao estrangeiro, devem primeiro germinar e ser submetidas a experiências antes de ser aceites. Estas experiências são conduzidas pelo ramo de graminhação, de sementes da «Agricultural Marketing Administration», de colaboração com o «Bureau of Plant Industry» no departamento de Beltsville, nos laboratórios de Maryland e suas ramificações por toda a América.

Para que as sementes possam seguir para o ultramar, variedade e clima são factores importantes. De facto, sómente algumas variedades de alfafa, por exemplo, conseguem medrar no clima frio da Sibéria, ao passo que outras variedades de feijões dão-se melhor do que outras nos campos e nos jardins da Inglaterra. Os botânicos e os laboratórios de experiências podem frequentemente identificar as sementes de qualquer amostra com a ajuda do microscópio ou comparando-a com amostras conhecidas.

Algumas vezes, contudo, devem ser plantadas e deixadas crescer até a um estado de identificação numa estufa. Isto mesmo não é suficiente em alguns casos. As plantas recém-nascidas devem ser mudadas de tempos a tempos para campos pequenos, e crescer até estarem maduras antes que a sua exacta identidade possa ser estabelecida. Tão importante como a variedade da semente é a vitalidade da mesma. Não há tempo nem terreno para desperdiçar com sementes que não produzem plantas normais e saudáveis. Por esta razão, o departamento de tecnologistas trabalhou em experiências aturadas de germinação, em diferentes espécies de sementes.

Quantidades e qualidades várias de semente de hortaliça — de um a quinhentos arráteis — foram mandadas pelo ar para a África, Brasil e Índia. Embarcaram-se sementes de relvas para as Forças Armadas Americanas no ultramar, a fim de se evitar a corrosão em campos de aterragem reconstruídos; compraram-se recentemente oitenta mil pacotes de sementes para aliviar o esforço de guerra inglês, de forma que os jardins britânicos possam ter variedades de hortaliças. E, porque, na Inglaterra, há dois anos que se estava a viver em regime de economia no respeitante a cebolas, as sementes destas vão ser agora bem recebidas. Por outro lado, os lavradores americanos acabam de mandar uma grande encomenda de sementes de couves, tomates e outros legumes para as propriedades da União Soviética.

Segundo afirma W. A. Wheeler, consultor especial do comércio de sementes do Departamento de Agricultura, nem os lavradores americanos nem os das Nações Unidas recebem sementes provenientes da América que não sejam aprovadas pelas experiências federais — porque, tanto o espaço nos navios como os campos de cultura, são bastante preciosos para que se desperdicem...

Vejamos, agora, pelas fotografias juntas, como são conduzidas as diferentes experiências nos laboratórios do centro de pesquisas de Beltsville.



À luz do dia, as sementes são experimentadas num quarto munido de vidraça para deixar entrar a iluminação necessária à germinação de algumas sementes. Vemos aqui um tecnologista que conta o número de sementes duma espécie de grama que, num mata-borrão molhado, rebentou em pratos de vidro, pendurados no germinador por cinco dias.

Com 80 anos

LLOYD GEORGE

Não soube resistir às farpas do amor...



Há romances de amor que principiam quando o sol da experiência lança nas vidas sombras de ocaso e de desilusão. São outonos de sol quente, safefantes, com seu halo suave — ainda capazes de fazer amadurecer frutos seródios para uma Primavera extemporânea, é certo, mas nem

por isso menos revestidos de poesia, de vida espiritual e suavíssimo encanto. Amiel fala-nos de casos parecidos com este do Dr. Lloyd George, antigo ministro do Governo de Sua Majestade Britânica, parlamentar, chefe de partido, discordante de Chamberlain e, por vezes, do próprio sr. Churchill.

É ele o agente criador desta legenda. Mas, não obstante, como quasi sempre acontece, este agente promotor tem por detrás uma razão. E essa razão é uma mulher: Miss Frances Stevenson, que desde 1913 acompanhou o antigo Primeiro Ministro britânico como sua secretária — o seu segundo eu, a sombra das suas imagens, a subtil presença das suas palavras. Era ela a mulher de «confianças» de Lloyd George. De confiança, porque aliava à sua cultura uma grande inteligência, tacto, espírito de iniciativa — qualidades que às vezes os grandes homens como Lloyd George se esquecem de procurar em suas esposas. Se esquecem de procurar — ou não querem encontrar...

Miss Frances Stevenson foi durante 30 anos a companheira intelectual do antigo ministro do Comércio — ministro, num gabinete liberal — foi a sua confidente, aquela que o animou nos seus desânimos, aquela que melhor soube alimentá-lhe as esperanças e restituir-lhe as ilusões. Ela foi sempre a máquina de execução dos seus pensamentos: escrevia-lhe, corrigia-lhe os discursos e fazia-o pensar três vezes, antes de tornar públicas as inflamadas notas officiosas, nos anos turbulentos e inquietantes do após-guerra que levou à conclusão da paz, com a última etapa no palácio de Versailles. Lloyd George chegava a trabalhar doze horas e mais fechado com a sua secretária, enquanto a esposa, do outro lado da parede, esperava de bule na mão a hora incerta do chá das cinco...

Que representava na vida de Lloyd George a sua não muito jóvem secretária? Como encarava a esposa êsse convívio de tantas horas, num plano que não lhe era familiar — que, mais, lhe era defeso? E como conseguia Lloyd George manter a harmonia num lar feliz? Convencendo assim a esposa da sua existência ao lado da secretária, verdadeiramente ao abrigo das vicissitudes amorosas?

Lloyd George que fez sua esposa feliz, deve ter pela sua compreensão dos factos uma alta consideração. E as suas palavras de elogio, recordadas agora a propósito do seu casamento com Miss Stevenson devem, realmente, constituir a mais pura e cavalheiresca homenagem...

Com os seus 80 anos — nasceu em 1863 — Lloyd George mostra, hoje, como quando morta a esposa, em 1941, um profundo conhecimento do coração feminino, sendo um justo recompensador

das suas virtudes. Só assim se compreende que tendo vivido uma vida inteira repartido por duas mulheres — soubesse prestar homenagem à morta elogiando a sua memória, sem deixar de prestar à viva o culto que ela lhe merecia, desposando-a.

De facto, aos 80 anos, depois de se gastar uma só vida com duas vidas — não se pode fazer mais nem melhor. Por isso, Lloyd George acaba de elevar à consagração as suas relações intelectuais



Mr. Lloyd George, já depois do seu casamento, toma chá com Frances Stevenson, sua nova esposa que foi a primeira secretária de um primeiro ministro e constituiu um «caso» em Downing-Street, como capacidade de inteligência e trabalho.

com Miss Stevenson, sua secretária, casando-se com ela. Resta saber se a antiga miss, elevada à alta dignidade de esposa, sabe manter todas as virtudes excepcionais da antiga secretária...

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA ESCRITA

PODE definir-se a escrita como um *desenho convencional destinado a comunicar o pensamento*.

Este processo remonta à mais longínqua antiguidade. Ainda que se possa entrar em pormenores, vale a pena dar sobre este vasto assunto algumas informações.

Lemos na «História da Escrita na Antiguidade», de Philippe Berges, que os primeiros vestígios de sinais convencionais destinados a comunicar o pensamento se encontram no Perú, na época dos Incas. Apresentam-se sob a forma de cordéis e nós, chamados *quippos*. Esses cordéis tinham cores diferentes, e cada cor continha um significado. O número e a disposição dos nós variam, permitindo representar grande variedade de idéias.

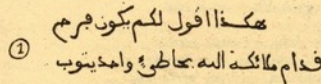
Quando da conquista espanhola, no século XIV, ainda estes *quippos* estavam em uso para a transmissão de mensagens, havendo mesmo funcionários com o título de arquivistas leitores de *quippos*.

Também na América do Norte se encontraram numa tribo de peles vermelhas processos análogos: os *wampus*. Eram colares de conchas variadas cujas combinações formavam figuras geométricas. Lembra-vam bordados sobre talagarga, contendo alguns 7.000 conchinhos em cinqüenta filas. Igualmente, na Ilha da Páscoa, célebre pelas suas estátuas colossais, se encontram os mais antigos vestígios duma verdadeira escrita, não em desenhos simbólicos, mas em sinais convencionais colocados numa determinada ordem, formando um verdadeiro texto. Estes sinais, gravados sobre placas de madeira cobertas dos dois lados, estão dispostos em linhas paralelas, alternadamente, da direita para a esquerda e vice-versa, como as antigas inscrições gregas em *broustrophedon*.

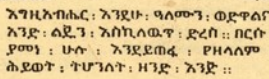
A escrita, verdadeiramente organizada, só apareceu em três sistemas gráficos que acompanham as três grandes civilizações: a escrita cuneiforme — dos assírios; a escrita ideográfica — dos chineses; e os hieróglifos — dos egípcios.

A escrita dos chineses começou por representar objectos, em desenhos simplificados, que se tornaram símbolos. Por exemplo: o sol era formado por

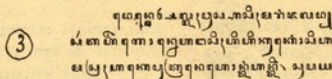
Turkish script.



6 ARMENIAN.

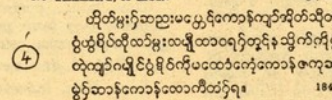


Javanese char.



479 TALAING, or MON.

Pags, Burma.



129 ESKIMO. RAFFIN LAND DIAL. Raffin Land, St. Canada.

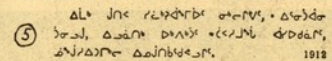


Fig. 1. — Caracteres arabes, abyssins, javanais, birmanes, esquimaux.

um disco e a lua por um crescente. Abel Remusat, no seu livro «Memória sobre a origem e formação da escrita chinesa» traçou um quadro destas transformações, partindo da representação figurada para chegar, pelo símbolo significativo do *desenho*, até ao *sinal*.

Conservam-se uns fragmentos de placas chinesas que datam de 2.300 anos antes da nossa era.

A *escrita cuneiforme* dos assírios dá-nos um sistema ideográfico já aperfeiçoado.

Há no Louvre monumentos cobertos de inscrições que datam de 3.000 e 4.500 anos antes de Cristo.

É mais surpreendente que a escrita dos chineses, compondo-se dum só sinal, em forma de cunha, donde lhe vem o nome. Variam de largura e posição. Dêstes desenhos elementares chegaram os assírios a formar uma escrita, da qual viveu uma civilização.

Os *hieróglifos egípcios*, tão pitorescos pelos seus desenhos simplificados, constituem um sistema ao mesmo tempo simbólico e alfabético. Permaneceram durante muito tempo indecifráveis.

Felizmente, Boussard — um dos oficiais de Bonaparte — descobriu numa só inscrição três escritas diferentes: grega, demótica e hieroglífica, conhecida sob o nome de inscrição de Rosette, pertencendo actualmente ao Museu Britânico.

Foi a seguir a esta descoberta que se encontrou a chave dos hieróglifos mediante os trabalhos de Champollion, que reconstituiu o sistema usado pelos antigos egípcios, permitindo que actualmente se possam ler todos os textos hieroglíficos.

A escrita é, pois, uma invenção muito antiga e, entre todas as criações do espírito humano, uma das mais maravilhosas até por apresentar uma infinidade de aspectos segundo os idiomas dos diversos povos.

Para se fazer dessa admirável invenção uma ideia, basta consultar o pequeno opúsculo intitulado «The gospel in many tongues» (o evangelho em muitas línguas). O prefácio desta obra é curiosíssimo, explicando-nos que a Bíblia está traduzida em 850 línguas, muitas das quais utilizam o alfabeto latino.

Podese, com este trabalho, comparar 850 línguas diferentes, o que nos deixa impressionados pela diversidade de sinais tradutores do pensamento humano. E se meditarmos nas modificações que êsses caracteres podem sofrer quando não são impressos pela máquina mas traçados pela mão do homem, espanta-nos a diversidade de traços que daí resultam.

Reproduzimos do citado opúsculo inglês um pequeno fragmento dum versículo, segundo S. João, em várias línguas, a fim de mostrar ao leitor as notáveis diferenças que apresentam os seus caracteres tipográficos. Note-se como cada sistema difere dos outros e oferece uma harmonia intrínseca.

Vemos que a sua concepção inicial deriva de impulsos coordenados, reveladores de tendências determinadas. Não só o contorno das letras difere, mas a relação dos seus elementos. Aplicando aos diversos sistemas de escritos os princípios da grafologia moderna, poderemos descobrir as características psicológicas. Mas isso levar-nos-ia muito longe, e nós procuramos apenas informar acerca das diferenças tão curiosas de formados sinais gráficos, utilizados pelas raças humanas para traduzir o mesmo pensamento.

GLOTILDE RANDI

53 — ELISA — Lisboa — Tenho muita pena, mas sou forçada a dizer-lhe que é totalmente diferente do que se julga. Não, minha senhora, não possui essa grande bondade que diz envolver todos que a rodeiam. Pelo contrário, tenho a impressão de que essas pessoas háo-de sentir com frequência o seu egoísmo, a falta de sinceridade e... de bondade! Olhe para os seus actos com *consciência*, e dar-me-á razão!

54 — A. S. P. — Ações — Temperamento excessivo, ardente, arrebatador! A manifestação de todos os sentimentos nunca é controlada pela razão. Impaciente, agressivo.

55 — MAJOR B. — Cabo Verde — Carácter endurcido, insensível, austero. Vontade de ferro incapaz de vergar mesmo à custa dos maiores sacrificios.

CALCADA DA GLÓRIA

NOTA A ABRIR

SOBRE a minha mesa de trabalho abre-se, agora, junto dum ramo de violetas, o primeiro volume duma obra que, indiscutivelmente, faz parte do glorioso e eterno património universal do espirito: «As mil e uma noites». Não estamos em presença da primeira versão em português desta inimitável série de contos orientais — mas estamos em presença da melhor até agora publicada. Deste árduo trabalho se encarregou o escritor Eduardo Dias, orientalista ilustre, e cujo espirito, ao mesmo tempo de erudito e de poeta, se envolve na mais nobre e na mais pura de todas as túnicas: a do Justo. Quem não conhece as «Mil e uma noites» tem agora uma excelente oportunidade de travar relações com esta obra curiosíssima e elegante. Há quem suponha que as «Mil e uma noites» se destinam às crianças. Engano. Além de que o homem gostou sempre, na verdade, de mergulhar a sua imaginação naquela larga piscina de mármore cor-de-rosa em que se acotovelam príncipes encantados, formosas princesas, fadas benfazejas, de mistura com génios satânicos e velhacos nigromantes — este livro ou, melhor, esta série de livros, constitui uma autêntica escola de filosofia moral, social e política. Cada capítulo é, por assim dizer, uma parábola que nos faz sorrir — mas que nos faz pensar. Através da sua fantasia transbordante adivinham-se não apenas verdades, mas realidades dignas de profunda reflexão. Escrito há centenas de anos, é um livro actual. Se os acontecimentos passados podem servir de lição às gerações vindouras, colhamos os seus ensinamentos — para que haja saúde e paz, incessantemente, até ao dia de juízo!

GLOBE-TROTTERS

Regressaram, há dias, a Lisboa, depois da sua larga viagem pelo Chiado, os srs. drs. Manuel Ribeiro Ferreira e Afonso Zuquete. S. Ex.^{as} vêm encantados, e só encontram como termo de comparação o recente Congresso de Leiria, de que foram os felizes organizadores.

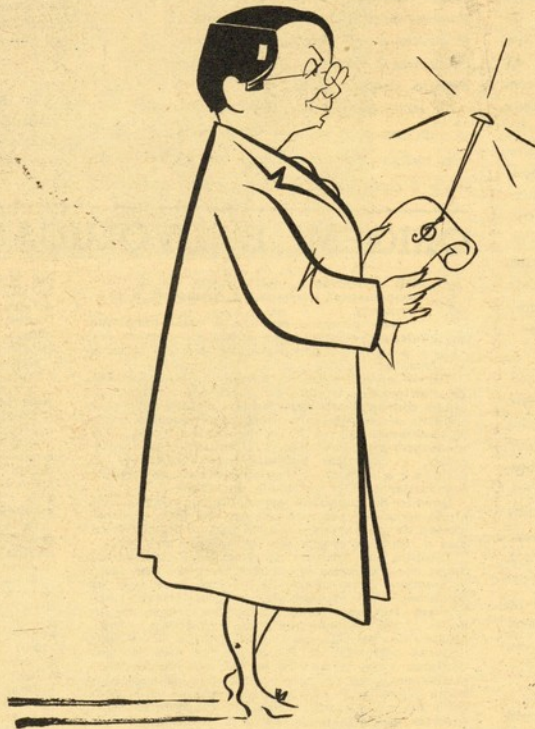
INSPECTOR GRAMATICAL

Guerreiro Murta, mestre da língua, vai ser nomeado inspector gramatical, cargo destinado a perseguir os deslises de sintaxe dos nossos homens de letras. Admirável. Depois da esquadra de Santa Marta, vamos ter a esquadra... de Santa Murta!

ARTES

O dr. Mário Gonçalves Viana mandou-nos o seu último livro, que é, sem favor, interessantíssimo e utilíssimo: *A arte de Estudar*. Aqui ficamos à espera do seu novo volume, que necessariamente se ocupará da *Arte de cabular*. Venha êle.

FRANCINE!



Onde vou, onde vou — que um sol mais quente
Me atrai a vista e me guia os passos?
Que sorriso é este tão incandescente
Que me alvoroa e me estende os braços?

Onde vou eu, atônito e sózinho,
Rápido, apressado, qual gazela,
Passam eléctricos pelo meu caminho,
Tudo à volta gira em torvelinho,
E só a vejo a ela — só a ela!

Hoje tudo fala ao meu anseio
E caminho, caminho sem receio...
Vou ter música, açúcar, «francois»...
Minha alma arde no mais lauto fogo!

.....
Em resumo, senhores, vou luncnar logo

.....
A casa do Francine Benoit.

JOAO... DE BARRO

A CESAR O QUE É DE CESAR

Ouvimos, há dias, atribuir a José Ricardo um caso que se passou com Vale. O seu a seu dono. Vamos reproduzir a história porque é pitoresca.

Representava-se uma peça em verso na qual o actor Joaquim de Almeida fazia o papel de criado dum médico. O papel do médico era feito por Vale. Em determinada al-

tura, o criado entrava e exclamava:

— Está lá fora um cliente.

E o clínico retorquia:

— Mande-o entrar. Que se sente.

Uma noite, porém, Joaquim de Almeida quis fazer partida ao colega e disse, numa vénia:

— Está lá fora um enfermo.

Logo Vale, imperturbável:

— Manda entrar esse estaférmo.

ELEIÇÕES

O dr. Octaviano de Sá, ilustre advogado em Coimbra, contava-nos, há dias, este episódio delicioso: Realizavam-se umas eleições. Afonso Costa percorria as várias mesas do círculo de Coimbra. Chegado a Taveiro, apresenta um requerimento no qual era pedido lhe fosse certificado se o número de listas entradas na urna correspondia à descarga feita nos cadernos. O presidente da mesa sorriu, abanou a cabeça, e redigiu com notável placidez: «Eu, Manuel Abílio Simões de Carvalho, presidente da mesa eleitoral de Taveiro, certifico, em virtude do pedido recto do digno professor dr. Afonso Augusto da Costa, que tudo bate certo».

JOSÉ JOAQUIM GOMES DE BRITO

Celebrou-se, há pouco, o centenário do nascimento do conhecido oisiponense José Joaquim Gomes de Brito. Aqui deixamos uma anedota. Um dia, Gomes de Brito encontrou Alexandre Herculanu perto do Chiado.

— V. Ex.^a é o senhor Alexandre Herculanu, não é verdade?

— Sim, senhor. Que deseja?

— Conversar com V. Ex.^a.

— A que respeito?

— A respeito de filosofia.

Herculanu achou graça ao rapaz (Gomes de Brito ainda não tinha, nessa altura, 20 anos) e disse-lhe que o receberia em sua casa para, filosoficamente, conversarem. Gomes de Brito foi — e ficaram amigos para sempre. Por isso o autor das *Ruas de Lisboa* costumava dizer:

— A filosofia sempre serve para alguma coisa!

O CARTÃO MÁGICO

O sr. coronel Costa Veiga falou, recentemente, na Câmara Municipal de Lisboa acerca do que era a cidade do Tejo em 1147. Fê-lo com assombros de pomenor, o que profundamente impressionou o auditório. Não leu: improvisou. Só de quando em quando relanceava um pequenino cartão que lhe palpitava entre os dedos. Aquêlê cartão, já se dizia, era, verdadeiramente, um cartão mágico.

AQUILINO RIBEIRO

Talvez não saibam isto: Aquilino Ribeiro acaba de ser escolhido para presidente do Conselho Administrativo da C. V. E. B. B.

Os nossos parabéns.

FLORES

Um amigo nosso, aplaudindo a viçosíssima ideia de florir as altas janelas do Rossio, dizia-nos, há dias, com orgulho:

— Sabe o que me lembram êstes vasos de sardinheiras? Os jardins suspensos da Babilónia!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Uma nação que a guerra tornou independente

QUAL SERÁ O FUTURO DA CROÁCIA?

OS últimos acontecimentos políticos e militares ocorridos na Europa em guerra, que conduziram primeiro a Itália à capitulação, e depois à declaração de guerra à Alemanha, deram maior relevo e importância aos núcleos de resistência que combatem na Sérvia e na Croácia contra a ocupação alemã.

Os Aliados, dominando o Adriático, criaram maiores possibilidades de desembarcar na Iugo-Eslávia, de reforçar estes núcleos, e de pôr em perigo as forças germânicas sob o comando de Rommel que se estabeleceram no Norte da Itália.

O problema está em saber se a presente capacidade militar das Nações Unidas no Mediterrâneo aconselha esta nova dispersão de forças, ou se ela é contrariada por razões de ordem política, pelos desentendimentos manifestados entre croatas e sérvios, pela necessidade de resolver primeiramente o futuro destino destes agrupamentos étnicos na constituição da Nova Europa.

Chegamos, assim, ao estudo da questão croata. O problema é bastante complexo. Existia já, com todas as suas dificuldades, antes da guerra — e esta não fez senão agravá-lo. Desde 1918 que a Croácia pertencia ao reino da Iugo-Eslávia. A sua aspiração de independência, porém, não se satisfazia com o estatuto de autonomia negociado em Belgrado pelo sr. Matchek. Os coustachis de Pavelitch, apoiados pela política do Eixo Roma-Berlim, reivindicavam a completa independência do país e enveredavam pelo próprio terrorismo para a conseguir. O rei Alexandre foi uma das suas vítimas.

A invasão da Iugo-Eslávia pelos exércitos alemães foi a sua oportunidade. Pavelitch tomou conta do poder e proclamou em Zagreb a independência da Croácia, logo reconhecida pela Itália e pela Alemanha, enquanto Belgrado era destruída pela aviação do Eixo. Matchek, chefe do mais importante partido croata — o partido camponês — ficou fiel às suas idéias democráticas e foi feito prisioneiro.

Depois de dois anos e meio de independência, com os novos rumos que a guerra tomou, qual é, verdadeiramente, a situação na Croácia?

A administração de Pavelitch considera-se um fracasso. A sua submissão ao fascismo é criticada até pelos seus partidários. A cedência à Itália dumha parte da Dalmácia e a oferta do trono croata a um príncipe italiano — que este mais tarde desdenhosamente recusou — foram medidas que tornaram ainda mais impopular o partido coustachis.

A oposição aos alemães e a Pavelitch tem aumentado nos últimos tempos. A medida que as Nações Unidas afirmavam mais o seu poder e as suas possibilidades, cresceu também a resistência na Croácia. Os esforços dos coustachis para organização de um exército e envio de novos contingentes para as frentes de combate, apenas aumentaram o número dos «partidários», agora reforçados com o armamento e a adesão de alguns regimentos italianos, que lutam na Croácia contra o regime de Pavelitch e a dominação alemã.

Os «coustachis», para ganhar a simpatia das massas populares, tornaram-se, desde a queda de Mussolini, em pioneiros dum irredentismo anti-italiano. Reivindicam Zara e toda a Istria, incluindo Trieste — mas ninguém sabe até que ponto Hitler está de acordo com este programa. E, mesmo entre os «partidários» reina uma certa confusão no que respeita ao futuro.

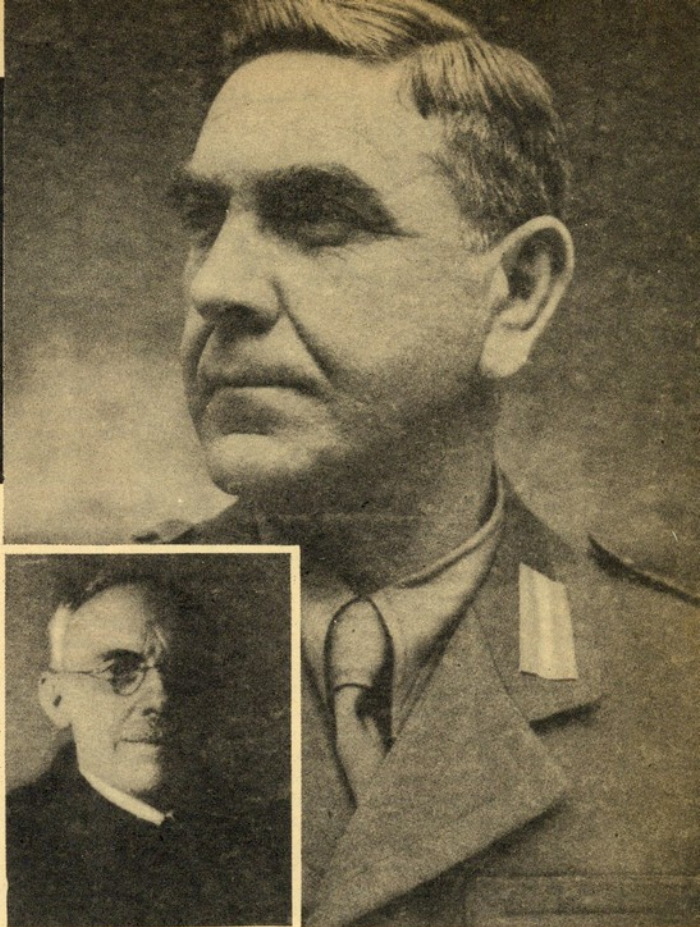
Terá, de resto, a Croácia condições para continuar a viver como estado independente? A experiência da Pavelitch é desencorajante.

Deve ser reconstituído o reino da Iugo-Eslávia? Há certo receio de que os sérvios, amanhã, exerçam represálias pelas atrocidades cometidas pelos coustachis em nome do povo croata.

Que solução deverá, então, ser adoptada? Nalguns círculos que desejam a vitória dos Aliados, acolhe-se com simpatia a idéia da constituição dumha federação dos Estados católicos do Danúbio que separaria a Croácia da Sérvia, passando esta a pertencer a uma federação balcânica.

Ora, tudo isto faz aumentar a inquietação em Zagreb. Reina a indecisão. E os extremistas aproveitam-se deste estado de espírito para seguirem as suas soluções. Alguns, não encontrando solução absoluta para o complicado problema, pensam que tudo se resolverá, no fim, segundo o pensamento e a vontade de Matchek. O chefe do partido camponês croata goza ainda de enorme prestígio. O povo estava habituado a segui-lo e ainda não perdeu esse hábito. Mas a sua reclusão impede que seja conhecido o seu pensamento. Todas estas dificuldades se têm reflectido nas sucessivas crises do governo iugo-eslavo exilado em Londres.

Há quem suponha que a política e a acção dos «partidários» é influenciada e dirigida por Moscovo — o que não é totalmente exacto. Embora no seu seio haja elementos russófilos, alguns por simpatia com o comunismo, outros influenciados pelo pan-eslavismo de Raditch — também os há anglofilos. A preponderância dum ou doutros encontra-se geralmente em harmonia com o desenrolar das operações nas várias frentes. A ofensiva anglo-americana no Norte de África, na Sicília e na Itália, por exemplo, aumentou muito o número dos partidários dos ingleses.



MATCHEK

PAVELITCH

Mas no que todos estão reconhecidos à Rússia é pela sua atitude contrária ao general sérvio Draža Mihailovitch, a quem os croatas acusam de querer destruir, com os seus «etchetnizis», tudo quanto é croata. É possível que isto seja um exagero da propaganda, mas o certo é que entre os «etchetnizis» e os «partidários» se têm desenrolado já lutas sangrentas.

Ultimamente, ao passo que Mihailovitch anuncia a sua resolução de não emprender qualquer acção militar contra os alemães enquanto os Aliados não desembarcarem na Iugo-Eslávia — as forças croatas têm multiplicado os seus esforços, levando a luta à retaguarda das forças alemãs no Norte da Itália, e feito uma propaganda ainda maior das suas acções militares, através do pósto de rádio «A Iugo-Eslávia Livre».

É evidente que na iminência dumha vitória aliada, os croatas desejam fortalecer a sua posição e acautelar o seu «futuro» pela participação dada na luta comum.

Mas isto não dissimula e, antes, reflecte melhor as inquietações e receios que se formaram quanto ao futuro da Croácia. As grandes potências não tomaram ainda uma posição definida a este respeito, e o próprio governo iugo-eslavo de Londres não encontrou uma solução razoável e justa que harmonize os antagonismos existentes entre sérvios e croatas.

Esta falta de unidade política há-de, necessariamente, influir no decurso das operações militares. Podendo constituir uma grande força organizada de resistência, «partidários» e «etchetnizis», lutando entre si, não são mais do que núcleos dispersos, o que limita bastante a sua acção.

Antes, pois, que os Aliados desembarquem na Iugo-Eslávia, para melhor poder aproveitar, nos seus planos ofensivos, a colaboração das forças de resistência ali existentes, impõe-se que sejam resolvidas as dificuldades e antagonismos políticos que a guerra originou ou agravou.

Neste caso, o problema do futuro da Croácia adquire predominância excepcional. Nêle estão interessados não apenas os próprios croatas, mas também os sérvios e os húngaros e, dentro de certos limites, os próprios russos. Ultimamente, os «partidários» têm-se pronunciado pela constituição dum estado Iugo-Eslavo onde sérvios e croatas disputam iguais direitos. Mas o que eles desejam, acima de tudo, é que não recaia sobre todo o povo croata a responsabilidade dos erros e violências cometidas pelos coustachis.

Entretanto, quer seja esta a fórmula a adoptar, quer na futura organização da Europa se crie uma federação danubiana — tudo parece indicar que a completa independência da Croácia se encontra desde já comprometida.

É esta incerteza que torna ainda mais divididos a posição de Matchek e do seu partido. Para que lado se dirigirá todo o peso da sua influência? Alguns dos seus membros inclinaram-se para as esquerdas, outros continuam a colaborar com Pavelitch, mas a grande maioria, embora não hostilize os «partidários», por não ser o momento oportuno, é anti-comunista e aliadófila e deseja principalmente que no estado iugo-eslavo lhe sejam asseguradas certas garantias.

Se a diplomacia anglo-americana puder aplanar todas estas dificuldades e se forem os seus exércitos os primeiros a entrar no país, é quasi certo que o partido camponês continuará disfrutando de toda a sua anterior influência e exercerá papel decisivo no futuro da política croata.

FERREIRA GRACA

7 dias de cinema

Por FERNANDO FRAGOSO

QUE é feito de Greta Garbo? Qual a sua situação em face do cinema americano? Teria sido, de facto, proscrita dos estúdios? É difícil responder cabalmente a estas perguntas. Por outras palavras: são tantas e tão contraditórias as notícias que aparecem em redor da famosa vedeta, que se torna impossível estabelecer a verdade dos factos. Se não fosse a circunstância de Garbo, após «A mulher de duas caras», não ter voltado aos estúdios, diríamos que estavam em presença dum formidável «bluff» publicitário. Mas tudo se conjuga para fazer crer que outras razões há a justificar a sua inexplicável inactividade.

No início da guerra, e mais especialmente quando da agressão japonesa a Pearl Harbour, Greta Garbo, convidada a participar na venda dos «war bonds», negou-se a aparecer nesses «meetings» monstruosos, em que os oradores, com discursos inflamados, e as vedetas, com a arma aliciente dos seus sorrisos, levaram a subscrever o empréstimo de guerra. Garbo, a estranha e solitária mulher que a lenda divinizou, pretendeu justificar a atitude, com a alegação de que sendo subdita dum país neutral não tinha que imiscuir-se em questões que interessam directamente aos beligerantes. A América vibrava demasiadamente para entender esta linguagem, calma e fria, duma mulher que se diz ter coração de gelo. E não faltaram os jornais que lhe apontaram razões de sobra para quebarar a neutralidade! Tendo feito a sua carreira na América, devendo a Hollywood a fama e a glória, não podia ficar indiferente — escreviam eles — perante a sua pátria adoptiva.

A colónia da Cinelândia parece não ter perdoado aquilo a que chama «a espantosa ingratidão de Greta Garbo». E o público, espicaçado pelos anátemas da Imprensa, declarou «boycotts» aos filmes da «Mulher Divina». Para mais, Garbo interpretara «Ninotchka» — e a evolução da política americana, que obrigara a retirar êsse filme das telas mundiais, não era de molde a favorecer a sua estrela...

Desde então, Garbo foi proscrita. Anunciou-se o seu propósito de abandonar a Cinelândia para interpretar, em Londres, «Santa Joana», de Bernard Shaw. Mas o papel já foi distribuído a outra artista. Entretanto, Greer Garson está a filmar «Madame Curie», que fora projectado para a vedeta insigne do «Demónio e a Carne».

Há mais de dois anos que Greta Garbo não filma. Recusamo-nos a crer nos boatos de que está sequestrada, embora as dificuldades opostas à sua saída sejam simplesmente burocráticas. Para nós, Greta Garbo é, simplesmente, uma vítima da guerra. Foi arrastada no torvelinho das paixões — e tudo isto porque não quis ser, na vida, «A mulher de duas caras». Entre o dilema de traír a sua maneira de ser e de sentir ou de traiçoar a popularidade — preferiu a última situação. De resto, ela nunca correu atrás dessa chama doirada que se alimenta da adulação pelo público.

Quando se extinguírem os últimos ecos da tormenta que estrondeia sobre a terra; quando o mundo despertar de novo para a vida, como o bosque reverdecido depois do fogo que o consumiu — Garbo, a única, a estranha, a divina e indecifrável, brilhará na tela a grande altura e teremos que saudar o seu regresso como o advento da era em que, dentro do cinema, a arte e o talento tornarão a ter os seus direitos soberanos.

* * *

A semana foi escassa de estreias. A data a que escrevemos, «Mr. Lucky» iniciou, sob os melhores auspícios, a sua carreira, e «Entrevista de Amor», com Charles Boyer, ainda não começou a brilhar na tela de prata. No Eden, «Sangue, Suor e Lágrimas» continua a emocionar as platéias. E, como dissemos, um impressionante documento humano, drama da ansiedade, epopeia do heroísmo, exaltação da glória de bem servir. «O Amor de Perdição» e «E tudo o vento levou» evocam



Merion Martin, uma loira que está fazendo furor na América.

o delicioso romantismo doutras eras, quando as mulheres sabiam sofrer como Teresa, e lutar, corajosa e perfeitamente, como Scarlett.

O êxito destes três filmes não nos permite tirar conclusão alguma que não seja de que se trata de três dramas — e que o público, paradoxalmente, parece cada vez ter mais desejos de chorar... Ao brutal realismo do primeiro opõe-se o romântico latejar dos outros dois. E os corações palpitam igualmente, porque o realismo e o romantismo são de todos os tempos — e o público, afinal, quer apenas que lhe dêem bons filmes, sem discutir escolas e sem olhar a géneros.



Ann Sothern, loira-explosivo...

Imagens de há 30 anos COMO AS MULHERES FAZIAM DESPORTO ANTES DA OUTRA GUERRA...

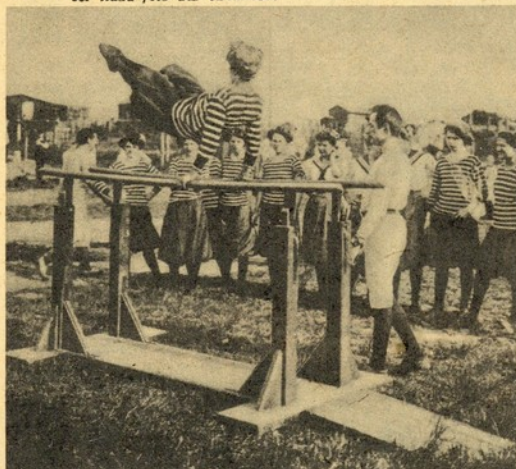


Nas festas de caridade — e só ali — as mulheres tinham o direito de atirar aos pombos. Com aquelas plumas simbólicas na cabeça, não devia ser nada feio dar tirinhos...

SE quisessemos falar da história do desporto feminino, teríamos que remontar aos tempos da pré-história, tempo em que já nossa mãe Eva sabia, e muito bem, levar de vencida o felpudo Adão, pela força... das lágrimas. Mas, se fizéssemos uma história a valer, se calhar ninguém nos lia, de modo que achamos melhor optar pela apresentação desprezenciosa de algumas fotos que, sendo de ontem, de antes da outra Grande Guerra, já hoje nos dão imagens hilariantes. O que será daqui a cinquenta anos — quando os nossos netos nos virem a nós, homens, em cuecas, e a elas, mulheres, de fato a perder de vista!



↑ Ainda em 1906, as mulheres que se interessavam pelos desportos não utilizavam uma moda na indumentária desportiva. Apareciam nas corridas de cavalos em trajes masculinos — salvo as calças, é claro...



↑ Este exercício, em 1906, mostra uma menina da sociedade em calções elegantes. O mesmo exercício fazia-se em 1912, com os calções vinte centímetros mais curtos. Depois, tornavam-se gradualmente mais curtos, mais curtos...

← Olho por olho, dente por dente, como manda Talibol! O pugilismo feminino, em público, era proibido na Alemanha. Mas, ninguém podia impedir que as desportistas se soqueassem furiosas, nos clubes — como se vê...

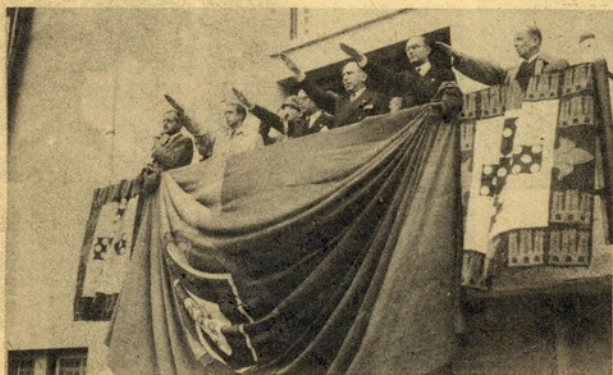


← Antes da Grande Guerra já se usavam os patins — mas só para as artistas. Meninas da sociedade — nada. As bailarinas australianas Sakarel, num teatro de variedades, fizeram, então, grande sucesso. Tão grande que todas as classes passaram a imitá-las...

↓ Exercícios ao ar livre — o caso mais sensacional de 1907!



INAUGUROU-SE A CASA DA "MOCIDADE PORTUGUESA"



A «ala» de Lisboa da «M. P.» tem, a partir da última semana, a sua «Casa». Foi inaugurada pelos srs. ministro e sub-secretário da Educação Nacional, numa cerimónia que se revestiu de todo o entusiasmo que a gente moça é capaz de pôr nas suas iniciativas, mesmo quando, como agora, os seus actos já não são isentos de responsabilidade. No edifício onde esteve o liceu Filipa de Lencastre ficou agora instalada a «Casa da Mocidade Portuguesa». A parada, os discursos, todo o acto, enfim, teve significado especial, sendo dele os dois aspectos que aqui damos.

ATENÇÃO!

Quarta-feira, 10 de Novembro

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

será uma nova

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

**JOVEM!
ARROJADA!
DINÂMICA!
MODERNA!**

Na sua nova estrutura, a nossa revista — modificada da 1.ª à última página — tratará de todos os assuntos, tocará tôdas as teclas da vida nacional e mundial através de dezenas e dezenas de artigos,

ILUSTRADOS POR DEZENAS DE FOTOS!

No seu 1.º número de quarta-feira, 10 do corrente, *Vida Mundial Ilustrada* apresentará **UMA NOVELA DUM GRANDE ESCRITOR**, páginas de Literatura, Teatro, Cinema, Rádio, Sport, assim como artigos sobre a actualidade portuguesa e citadina. A guerra mundial, num total de mais de

60 Assuntos

com

Dezenas de fotos e magníficas ilustrações!

A grande revista para todos!

Quarta-feira, 10 de Novembro

a NOVA

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

por **RAFAEL MARÇAL**
A venda em tôdas as livrarias
Uma magnífica edição de
«VIDA MUNDIAL»

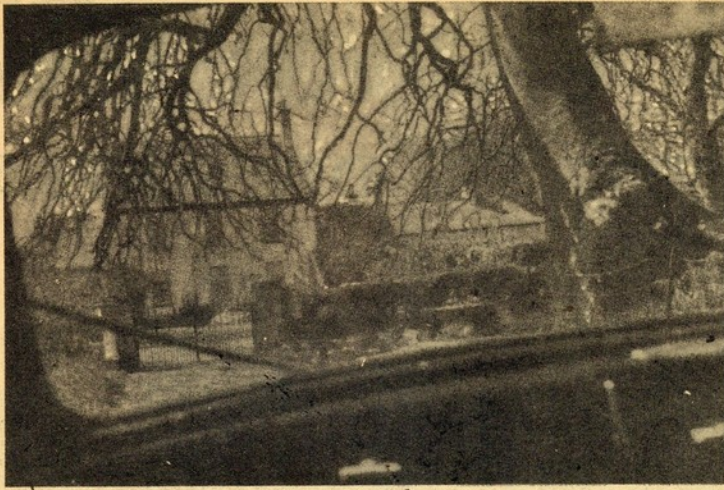
Outras notas



António Marques, o cigano que todo o mundo «calé» apreciava, foi a enterrar. A morte espreitou-o quando ia a passar na Avenida 24 de Julho e levou-o na sua asa negra. Era benquistado dos seus irmãos de raça, e respeitado entre quantos o conheciam. O seu funeral foi motivo de curiosidade da Lisboa alviçareira e razão de lágrimas e prantos que as objectivas fixaram. A entrada do cemitério da Ajuda, a gente cigana acumulava-se assim, como a foto nos revela.



O «Dia de los caídos» foi comemorado pela colónia espanhola. Os nacionalistas, fiéis à memória de quantos tombaram pelos seus princípios, mandaram celebrar uma cerimónia religiosa e organizaram, na Casa de Espanha, uma sessão solene a que presidiu D. Nicolau Franco, embaixador em Lisboa. A foto dá-nos um aspecto dessa sessão, na altura em que era lida a «Oração dos mortos».



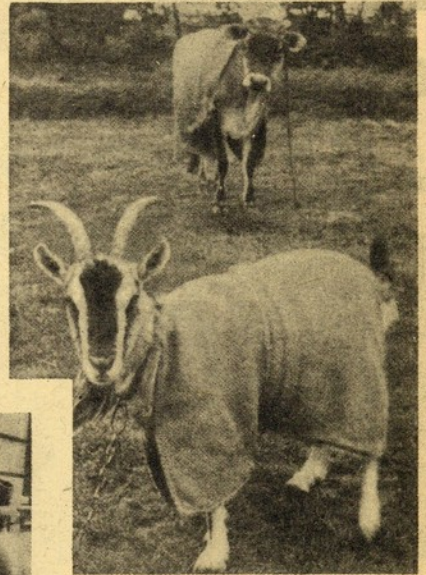
PARADOXOS DA GUERRA

AS ILHAS DO CANAL SÃO INGLÊSAS MAS QUEM MANDA É ALEMÃO!

Começamos por este aspecto de Jersey, onde o sol é mais quente e o clima mais suave do que no sul de Inglaterra. Entretanto, o aspecto das vilas e cidades tem a melancolia de alguns condados ingleses. Apesar da soberania histórica da Grã-Bretanha, as Ilhas do Canal conservaram o dialeto normando.

PARECE impossível. Porém, é assim mesmo: há entre a Inglaterra e a costa da Europa regiões inglesas que os alemães ocupam, na melhor paz deste mundo... A guerra, como Mr. Pons, tem também seus paradoxos e este, não há dúvida, não deixam de ser curiosos. Logo depois da queda da França — portanto em 1940 — os alemães prepararam-se para avançar sobre a Inglaterra. As pequenas ilhas do Canal, que eram administradas pelos ingleses mas que tem parlamento e um governador, eram o objectivo imediato, para alcançar a Grã-Bretanha. Tratava-se de minúsculos pontos assinalados no mapa e que os ingleses não tinham podido fortificar. De resto, estavam tão perto da costa francesa que, como na quadra popular, se poderia dizer: «da minha janela à tua...»

Os ingleses resolveram recuar. Evacuaram grande parte da população civil, incluindo todos os homens em condições de combater. De modo que os alemães não tiveram mais do que avançar... Hoje, as ilhas vivem em paz, sob a ocupação alemã. E é tão curiosa a sua vida calma no meio dos dois países em guerra — que um fotógrafo alemão tentou-se a fazer as fotos que damos a seguir...



↑ Uma cabra de gabardine! Pudera, é de Jersey — o que equivale a dizer que ofereceu o melhor leite do mundo. As cabras e as vacas — vemos uma, ao fundo, também muito confortavelmente «habillées» — por causa do clima, que é úmido, envergam casacos de lã, de bom corte de alfaiate...

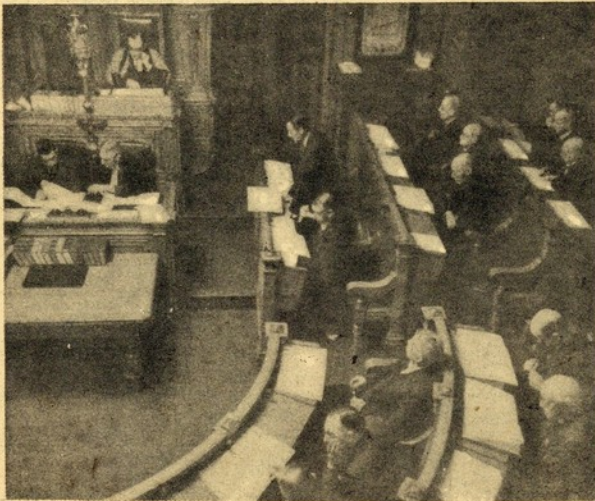


As ilhas do canal são o único lugar do mundo onde um soldado alemão passeia pacificamente ao lado de «bobby» inglês, como se vê nesta foto, tirada na cidadezinha de St. Helier, capital da ilha de Jersey.



↑ St. Helier — «a cidade sem homens» — dá-nos destes motivos. Pouco antes da ocupação alemã, os ingleses evacuaram todos os homens aptos para a guerra, ficando apenas mulheres, velhos e crianças.

← Claro, o parlamento das ilhas do Canal continua a reunir em Jersey. Mas, uma cadeira está vaga: a do governador, representante da Coroa britânica. As suas funções foram assumidas pelo comandante das forças ocupantes — que é o único alemão que manda em território britânico!



GENTE NOVA

O CONSERVATORIO

PREPARA OS NOSSOS ARTISTAS!



A FUNÇÃO EDUCATIVA E PEDAGÓGICA

O Conservatório tem desempenhado na vida artística da nação um papel a que não pode negar-se relevo. Preparando as novas gerações que, no dia seguinte não-de prestigiar o nome de seus mestres, aquêle estabelecimento de ensino é hoje uma das valiosas retortas onde se formam novos elementos de cultura. Na preparação dos artistas êle consegue impôr o seu valor pedagógico e educativo o que não deve passar despercebido a críticos e criticados.

É uma verdadeira escola. Não se trata já dum estabelecimento oficial de ensino artístico vedado à família burguesa, que quer os filhos a matraquear o piano, nos serões caseiros ou um pouco de canto, em italiano, para espalhar, durante o chá às visitas. Não; o Conservatório prepara os profissionais — artistas que, amanhã, precisam de lutar pela vida, ganhando o pão de cada dia, com os recursos da sua arte. É bem certo que nem sempre o sol ilumina e aquece o lar dos que labutam na arte; mas nem por isso, já que o rodar do destino tem estranhos caprichos, é caso para contrariar uma vocação. Quantas vezes temos ouvido dizer a «famílias práticas», que o sorriso da fortuna sempre bafejou — «o meu filho vai para direito! a minha filha vai para medicina!» — quando, muitas vezes, dentro desses esperançosos elementos que procuram o seu caminho, há manifesta inclinação para outros destinos que são às vezes o da arte.

Mas a arte, diz a família, não dá nada. Ser violinista, pianista, pintor ou atriz é um destino in-

certo — não há nada como ter uma secretária e ordenado ao fim do mês. Perfeitamente... Ou antes: deve-se pensar assim? Achamos que não.

O Conservatório, pelo seu valor pedagógico, faz do pequeno aluno, com vocação, um artista. E se o rapaz tiver, de facto, a centelha da arte, será toda a vida um negligente amanuense, sonhando sobre os papéis, num sono de revolta. Depois será tarde porque...

IDADE PARA A ENTRADA NO CONSERVATORIO. DISCIPLINA. EXAMES.

Para se frequentar o Conservatório basta o exame de instrução primária. Não há exame de admíssão. As primeiras aulas são de solfejo e português. Este ano frequentam aquêle estabelecimento de ensino perto de quinhentos alunos, na maioria do sexo feminino. Só a classe de teatro comporta 110 alunos. As idades variam: assim, no canto, não se admitem matriculas de alunos com mais de 24 anos nem menos de dezasseis; no piano, violino e violoncelo a idade máxima de matrícula é de vinte anos. O curso geral de piano é de 6 anos — e o superior tem mais três, de aperfeiçoamento. Ensinam-se todos os instrumentos de arco, piano e órgão, harpa; há os de palheta e de metal, como trompa; funciona a secção de teatro com três anos, e a aula de dança.

Os alunos externos, isto é, aquêles que estudam com professores particulares, podem fazer todos os seus exames.

A secção de teatro divide-se em três anos. Os dois primeiros comportam a «arte de dizer» e o

último «estética teatral». As outras disciplinas são: História das Literaturas Dramáticas, Arte de Representar e Danças teatral e de Ópera.

ANTIGOS ALUNOS. DEDICAÇÃO PELO ENSINO. NOVAS PERSPECTIVAS.

O Conservatório está em obras. Todo aquêl antigo casarão da Rua dos Caetanos se vai modernizando. No princípio do ano, possivelmente, já todas as aulas terão o aspecto alegre e confortável de que há muito necessitavam. O Dr. Ivo Cruz com a sua reconhecida competência e prestígio, desde que em 1938 mestre Viana da Mota abandonou a direcção do Conservatório — tem conseguido, das estâncias oficiais, o maior carinho para uma obra, a todos os títulos notável: o aformoseamento do Conservatório, que, quando for dado por pronto, será dos melhores da Península. Junto do seu íntimo colaborador, Dr. Ferreira Alegria, secretário, na aposentação de Jaime Silva, tem trabalhado, dedicadamente, para que aquela casa de ensino possa ter a grandeza dum viveiro de artistas. E, de facto, muitas gerações de artistas têm dali saído: desde a música ao teatro — os nomes dos irmãos Fão e Alberto José Fernando, Frederico de Freitas, Tomás Borba, e as atrizes Maria Matos — hoje professora; Maria Lalande e Irene Isidro — da nova geração; o actor João Villaret e tantos outros, aprenderam ali a técnica da sua arte. O ensino dos diversos instrumentos é individual. Cada aluno dá a lição, à hora marcada — porque ali a disciplina não consente um atraso de minuto a professores ou alunos.

Todo o edifício são andaimes, corredores obstruídos, barricadas de cal, pranchas pelo chão e móveis «arrumados». Naturalmente que, em tais condições, o ensino não pode fugir às circunstâncias. E, assim, o improvisado tem que ceder lugar ao academismo e ao material didático. Por isso lá vimos, na aula de dança, uma linda rapariga a voltar à roda de uma cadeira — até que as paredes novas possam receber o convívio de barras e outro material adormecido no armazém...

Cá fora, como podem, as raparigas «fazem horas», relendo os pontos da aula seguinte, enquanto as mães de outras, fazendo «crochet», aguardam que a lição esteja finda...

O Conservatório prepara os artistas de amanhã. Um alfôbre de astros incipientes está ali a germinar. As funções da casa que Garrett ajudou a criar cumpre as suas obrigações. E, se não faz artistas — porque a arte nasce com cada qual e não se inventa — tem pelo menos o grande mérito de os desvendarl...

MANUEL MARTINHO



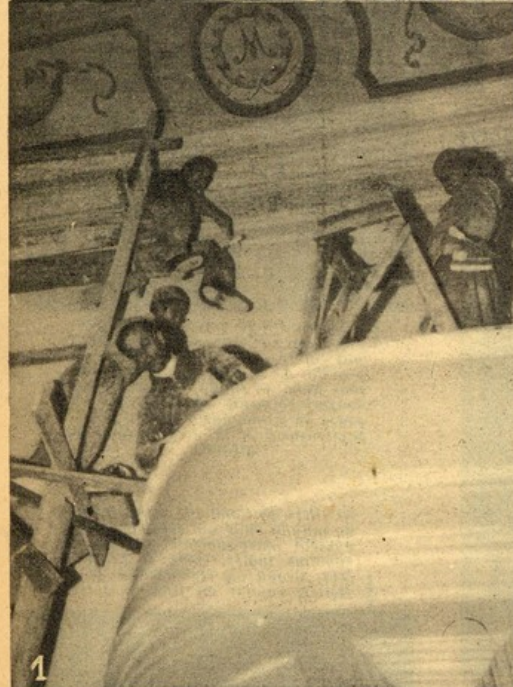
O professor Lúcio Mendes, sub-director do Conservatório, dá lição a uma esperançosa aluna do curso geral de piano. Pode-se ver, pela fotografia, que esta aula é provisória — pois que todas as salas estão em obras.



Flaviano Rodrigues, professor de violino, acompanha o nôvel artista, seu discípulo, ao piano. E vai-lhe dizendo: dois tempos de espera! então? vamos ao «adágio!»



A aula de canto. A professora é suíça, contratada pelo nosso Conservatório. A sala é já das novas. Tem bellissimo ambiente e um aspecto confortável.



1 O Teatro do Conservatório já está a receber os últimos retoques e vai ficar em condições de funcionar com concêrto e representações.

2 Um dos pátios interiores ficou assim com as obras. Mas, no fim, ninguém o conhecerá!

3 Um friso interessante de alunas da secção de teatro.



CHURCHILL & OS SEUS CHAPEUS
(OU UMA FUMAÇA DE CHURCHILL)



QUANDO AS PERSONAGENS SE REVOLTAM CONTRA OS AUTORES.

A VIDA SOMBRIA DO HERÓI DE ROMANCE NA LITERATURA RUSSA

ESMO que quiséssemos explicar como foi possível nascer da penumbra do meu quarto, no bafo úmido do fim do dia que o encheia de sombras, estas outras sombras, mais densas, mais opacas, recordadas na mancha escura abstrahindo como nódoa tígubre, não o podia fazer, de tal modo a comoção me gelava os pensamentos. Acostumel-me ao frio nas noites sem fim, em que aceso adedo pelo destino, procurava no abandono de mim mesmo um pouco de calor, quando, exausto e vacilante, apalpava o acanhado irrisório dum banco da Avenida. Passava todo o dia, sempre o mesmo dia interminável, salivando a volúpia feérica da fome, porque afinal, à força desta resignação, roçamos pelo hábito de extrair satânico prazer da nossa tortura. A fome e o frio aguçam a alma. Dezenha-se então, com contornos mais vivos, o mundo que nos cerca, e por sua vez, outros mundos imensos tornam a observação propícia a revelações jamais presentidas. O nosso mundo é um navio desmantelado pela tormenta. No meu naufrágio agarrei-me desesperadamente ao que restava desse mundo: um pedaço de madeira que a podridão começara a roer, e que se chama Coragem. Tive ainda alento e força para escrever nos mais diversos papéis que conseguí encontrar uma pequena novela à maneira de Kleist, inspirada por um rancor, tão absurdo como lógico, pela existência, produto dum reação muito íntima, contra o optimismo que torna a alma humana incolor e vazia. Não havia ordem na minha vida tempestuosa, mas assim que o editor me pagou a novela, tornei-me calculista e metódico. Podia ter duas modestas refeições diárias e, durante certo tempo, cama certa... Ficou-me ainda um pequeno peccillo destinado aos vícios que acorrentam o homem que escreve: — livros sebertos e velhos, tabaco, papel, e um lápis, um lápis inteiro que não me magoaria os dedos como aqueles malditos três centímetros dum «Faber» encontrado na lama do passeio. Aluguei este quarto, que difere apenas da mansarda do primeiro acto da «Posição por ter, num dos ângulos do rebalzo das águas-furtadas, uma prateleira feita com tábuas dum velho caixote. É ali que guardo a meia dúzia de livros adquiridos nos alfarrabistas.

As sombras mexiam-se como monstruosos carapichos nas paredes dum cisterna. E a maneira que o crepúsculo tornava mais áspera a solidão do meu téguro, agigantavam-se para tomarem expressões humanas. Depois o calor estranho da agonia da luz, reverberando lividamente na vidraça, fez com que tomassem o desenho fantástico de sinistros rostos. Ah, meu Deus, reconheci aquelas caras hecóticas, patibulares!

Este era Raskolnikoff, do «Crime e Castigo», tal como a imaginação de Dostolewsky o criara. Sorria de terrível maneira, um sorriso que era o espasmo dum calafrio. Aquela boca cupida arrepatinhava-se para um murmúrio que parecia «A minha Sônia onde está? Onde está ela, a minha Sônia? Ah! este martírio é eterno, mas que culpa tenho eu de ser arrastado por um mau destino? Estou prepetuamente condenado a ser um malvado, ouvíste? Para que me fizeram assim, para que me encheram a alma de esgilemas e o corpo de grilhetas? De que argila infernal amassaram este sópro de luz que é o meu espírito, chama que não aquece nem sente um hafo de piedade? Não, eu não quero continuar um demónio perverso. Tiral-me esta tígubre corrente! Tenho o direito de ser um homem e não um monstro! «Onde está ela, a minha Sônia?»

Por detrás do rosto espectral do desgraçado, vi o Peredonov da «Loucura de Peredonov» de Fedor Sologub, uma fisionomia chupada pelo mais desvalado dos terrores. Os seus grandes olhos abriam-se imersamente, alucinados, cheios dum espanto silencioso e frio. Dir-se-ia flitar com terror uma visão. Aquêle olhar escondia assombrado de raio, esse segundo de luz viva e fulminante que risca um céu de trovoadas. Compreendi que na sua alma se travava uma furiosa batalha de borrascas e tufões. Porque o fizera tão infeliz a imaginação do escritor?

Este agora era Dimitri, o herói do «Roudine» de Ivan Tourgueneff, anguloso, esgrouvinhado, seco, um morto-vivo cuja alma se arrasta como uma barra de chumbo. Há-de existir perpetuamente amarrado ao pesadão das maiores dores morais. O seu infortúnio não terá fim. Cercam-no todos os esgares da dor humana numa feroz epilepsia, onde o riso que dilacera se mistura com um inferno de lágrimas. Que culpa terá ele, também, de ser assim algoz e vítima, um desequilibrado, que para servir a fantasia dum escritor de génio, se estorce no pavor das sombras amidas, do medo supersticioso, do horror obstinado e perseguidor?

É do Prokof, da «Cédula Falsa» de Tolstoi, este olhar baço, idiota, tisonado pelo constante anoiecer dum instinto estúpido e cruel — olhar vítreo de enforcado, onde, por vezes, corrusca uma forforescência incompreensível de fixidez de mocho e de estrige, e que de súbito se apaga como a queda dum bressa num pântano. Porque sofreu tanto esse pobre diabo e acabou na prisão amaldiçoado e escarnecido? Sinto o hafo cavernoso do André Efimyitch da «Sala N.º 6» de Anton Tchekhoff. Vem falar-me da miséria trágica da sua existência, do horror dum vida cujas raízes fermentam lá,

em baixo, no mais fundo do monturo das paixões, vem relembrar-me que o seu drama de pária exalará sempre esse hábito pestilento do vgaubundo escorçado. Entrebre os lábios clínicos e dolorosos. Não quero ouvi-lo. Tentará mostrar-me o que há por detrás daquele «fedor de couves fermentadas e de ovos podres».

Tenho na minha frente a cabeça hirsuta do Eugénio Irteneff da «Tortura da Carnes» de Tolstoi. Escorre-lhe da fronte um fio de sangue. A desgraça tatuou-o com o ferrete da infâmia. Por que só conheceu êle o infortúnio, o lado mau da vida?

Este, bem o sei, chama-se Mulchikine. Parece ter fugido dum manicómio. Vive num vespeiro de almas tão negras como uma noite fechada. Dostolewsky fez dele um imbecil, e pôs-lhe na fronte o diadema puríssimo dos anjos. À sua volta vensalidades, traíções, — uma bebedeira de sangue, uma fornalha de vícios, um espectáculo insuportável, odioso, repugnante. Despenhou-se na tormenta dos desesperos sádicos, das volúpias excreáveis da dor. Nunca o olhar humano viu tanta pequenez moral nem tão grande abjeção. — Destaca-se na sombra a máscara resignada do Ivan Ilitch de Tolstoi: — «Então onde estás, onde estás minha Dór?» Só a morte pode abolir a tirania de tanta angústia. A seu lado surge o rosto de cera do Akakiyevich de «O Capote» de Gogol, no delírio da febre, a dois minutos do abismo da eternidade; e mais próximo, a fisionomia abatida de Konovailov, aquêle «homem poderoso que por sua desgraça virou ao mundo com um coração tão sensível e vibrante».

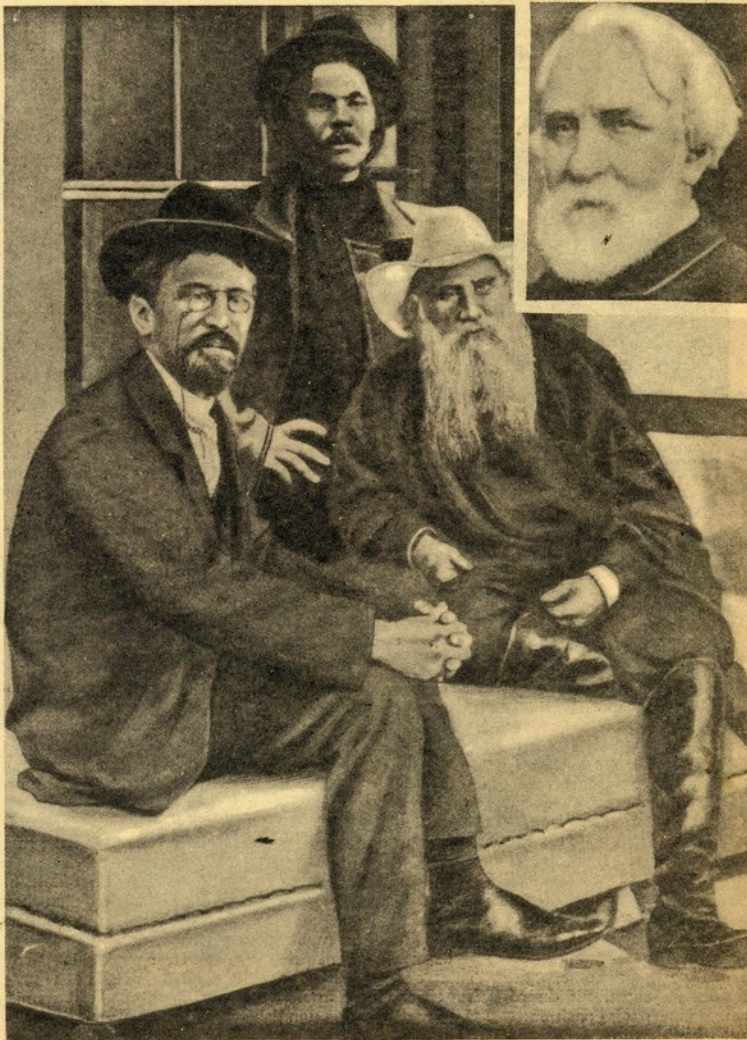
aquêle sonhador que «não encontrara o seu lugar na vida», o desolado Konovailov dos «Vagabundos» de Máximo Gorki. Depois todas estas sombras tétricas se fundiram numa mancha mais escura que era como um borrão na noite. E como se falassem todos ao mesmo tempo, num côro que tinha qualquer coisa dos rugidos dum cataclismo polar, protestaram:

— Cheiramos a calabouço, a casa de pernoitar, a enfermaria e o prostíbulo! O nosso carácter vesgo e corcunda é uma mistura de bolor, suor, cinza, lágrimas, ferrugem, aguardente, poeira e formol. Ressonamos no sono da incoerência o estoror dos moribundos, a rala dos que sentem a morte babar-lhe a viscosidade ulcerosa do seu arrepio. Somos pilhões humanos, irresponsáveis, caminhamos como automátos e agimos como sonâmbulos. A literatura fez connosco experiências de psicogenia. Queremos ser livres, respirar, sair deste eterno turbilhão, deste «maelstrom» sem descanso, em que o génio literário nos precipitou. Não somos cobaias do introspectivo, mas seres que amam a vida como as cigarras amam o sol!

O clamor apagou-se. Houve um momento em que julguei ouvir em surdina, como uma música distante, essa canção que o Paulowitch de «A Fome» de Fedor Liubov não podia cantar até ao fim. Também a comoção me aquebrou.

No dia seguinte vendi todos os volumes de literatura russa que tinha no meu quarto...

JORGE RAMOS



Actualidades GRAFICAS

A homenagem a António Ferro res-
desiu-se de expressivo significado,
agora que a sua obra está patente
e ninguém pode negar-lhe o valor
e o respeito merecidos. No S. P. N.
reüniram-se os melhores nomes do
nosso pequeno mundo literário,
numa homenagem cujo significado
não deve ter passado despercebido
a António Ferro que, das mãos do
sr. ministro do Interior, recebeu o
grau de grande oficial da Ordem
de Cristo.



A Sulça é um país progressivo. As suas indústrias, as suas artes não conhecem limites, porque para os homens fortes e empreendedores não há circunstâncias adversas que não vençam. Eis porque ela, quando o mundo está em guerra, vem afirmar-nos a sua obra de paz: a exposição que está patente no Instituto Superior Técnico é uma demonstração de quanto pode realizar um grande povo que tem sabido impor-se doutrinas, direitos e deveres. As duas fotos que publicamos em cima dão-nos dois aspectos da visita da imprensa a esse magnífico certame.



Sanches Canton, sub-director do Museu do Prado, de Madrid, veio a Lisboa para tratar de uma exposição de arte contemporânea, a realizar em Lisboa. É da recepção oferecida aos jornalistas, no Hotel Tivoli, o aspecto que damos junto.



Foi uma sessão concorrida e de expressivo significado esta que se efectuou no Palácio da Mocidade Portuguesa para entrega de uma granada que rebentou no Alcazar de Toledo, quando da guerra de Espanha. A oferta foi feita pelo general Moscardó à M. P., que a recebeu das mãos dos estudantes espanhóis que há dias nos visitaram.

UM DUELO DE ESPIRITO HÁ 40 ANOS

Fialho

ESGRIME

CONTRA A ESTÁTUA DE EÇA DE QUEIROZ

POR CORREIA DA COSTA

A compleição literária destes dois grandes espíritos, Fialho e Eça, era naturalmente divergente, por razões e motivos de ordem vária. Fialho, homem do sul, andaluz transmigrado, retina aberta a todas as luzes, vivendo o apogeu helénico das coisas e das emoções, deu à língua lusitana transfigurações e cristalizações novas em que a fulgência dos reflexos e a alma contrita dos personagens se davam as mãos, fraternamente, numa harmonia plúviera.

Palmeirista, gongolista, pintor da linguagem, a sua prosa é uma paleta de nuances e possui a música e a vibração duma sinfonia incompleta.

A par da sua prosódia multiforme e desvaivante, Fialho cultivou a ironia como um bisturi e manejava-a como um florete impertinente.

Eça, espírito de *eraffinement*, de leituras seleccionadas, vivendo numa geração incompreendida de super-homens, abriu caminhos novos ao romance e deu ao lexicon estremitamentos sensoriais, efeitos ignorados de novas musicalidades e desfalecimentos e espasmos melódicos sem fim. Assim, a sua forma tem a beleza duma pastoral beethoveniana e a perfeição peregrina de alguém que se busca a si próprio e procura o seu verdadeiro estilo.

O artista incomparável das «Lendas dos Santos» renovou, vestiu a linguagem lusa de rospagens, de motivos, de refrangências e de ordenações musicais inéditas, dir-se-ia um perturbantíssimo sinfonista, compondo com os vocábulos.

Ambos estes escritores se conheceram, permutaram cartas, tiveram rápidas relações em que Eça de Queiroz sempre acarinhou o camarada mais novo e recém-surgido em pleno triunfo e apoteose como um Deus!

O contraste dos seus temperamentos tornara-os suspeitos literariamente, talvez por uma emulação natural.

Eça, bacharel de Coimbra, cônsul, viajou, expatriou-se, viveu sempre longe dos cenáculos literários, mantendo, no entanto, um verdadeiro primado de influência sobre as novas gerações.

Fialho, médico, formado em Lisboa, homem da rua e do «Martinho», peregrino da sua boémia inconformista, nunca teve o lugar oficial a que tinha direito, sempre á l'écart das honrarias definitivas.



O monumento a Eça que provocou as ironias que acompanham o artigo



Fialho Almeida

1857-1911

Retrato autografado de Fialho

Tanto Fialho como Eça se opunham a si próprios pelo seu talento e pelos seus caprichos temperamentais, pelas suas psicologias divergentes.

Morto Eça em Paris em 1900 e homenageado com a estátua de Teixeira Lopes, Fialho, que já tinha ajustado as suas contas com o autor do *Mandarin* no edíble artigo da revista «Portugal-Brasil», aproveitou a inauguração do monumento a 9 de Novembro de 1903 (grupo escultórico corajoso e iconoclasta para a época) e escreveu algumas notas, perdidas num pequeno jornal *A Tribuna*, que transcrevemos em parte, e que, passados precisamente 40 anos, podemos considerar autênticas *chiquess* resuscitadas.

São frases de ironia, duma ironia que não magoa, mas que explica a posição que ambos mantinham de opositores de si próprios.

É quem sabe se Eça não lhe perdou essas afirmadas e hoje ambos possuíam nos verdadeiros e extra-terrenos Campos Elíseos, como dois camaradas de além-morte e rindo como novos Castor e Pollux da ironia, dos insignificantes ridículos e das mesquinherias superficiais, dos nossos pequenos e constantes grandes homens que há 32 anos não têm o autor do «Sabam quantos» pela frente!

Fialho era uma grande figura paradoxal e contraditória como todos os espíritos, «mas, como diz Raul Brandão, tão grande, tão vivo, tão humano, que para sintetizar a tua vida só me servem as palavras com que um espectador ilustre se achou o Hamlet no fim da representação: — Boas noites, meu príncipe, és um homem, o homem é todo o homem!».

O MONUMENTO

Já noticiámos noutro número do nosso jornal com todos os seus detalhes e pormenores, como foi a festa de inauguração do monumento a Eça de Queiroz. Damos hoje um reflexo do humor da multidão que assistiu ao acto. Porque, enfim, a nosso ver, tudo é documento para a história.

— Tu, se fosses casado, davas o *Primo Basílio* a ler a tua mulher?
— Lá isso não. Mas não tinha a mais pequena dívida em o dar à tua.

— Que lhe parece a *Verdade* do monumento?
— Um cálice de *bitter* para fazer boca ao *Chat-Noir*, que fica em baixo.

— Condessa, de todos os cavalheiros que falaram, qual deles é o conde de Ávila?
— O conde de Ávila são todos.

Este Monteiro Milhões, que inconveniência! Consentir que das suas cavalariças um burro esteja a interromper os oradores!
— Condessa, é o éco.

— O que eu nesta consagração sobretudo admiro, é o grande coração do conde de Arnoso. O Município devia premiar tão nobre músculo.
— Com uma urna, como se fez ao D. Pedro IV?
— Com uma urna, não. Com uma travessa.

— Seria interessante conhecer todos os tramites do trabalho de criação do escultor, até ao momento da estátua aparecer.
— Ah, eu lihos conto. Primeiramente, o Carlos Matar, na sua qualidade de judeu, queria uma descida da Cruz, e por isso, o grupo do Eça e da Verdade cheiram um pouco à cena da Paixão. Veio depois o Arnoso a lembrar que se dessem ao monumento reminiscências mais contemporâneas, exemplo: o Génio perguntando à Verdade quantos dentes queixais queria tirar. Desta dualidade de inspiração resultou o *mistério*, que faz com que o monumento seja o que V. Ex.^a quiser, sendo o melhor — não perguntar.

Aparece no estrado o conselheiro António Cândido.
— Silêncio! Vai falar o maior orador da Península.
— «...no povo português ainda há o grande brío dos feitos altos (*sussuro*). Se amanhã esta Verdade tão nut for ter ao Pelourinho, ninguém sabe até onde o amor da Pátria há-de crescer!» (*ovação*).

Interview com o conselheiro Baraona.
— V. Ex.^a leu alguma vez o Eça?
— Ler, nunca, mas conheci-o em Évora, delegado do tesouro, e até por causa disso vim ao Príncipe Real ver-lhe um drama de Ladrões, que estava mesmo escrito ao meu sabor.
— Mas isso não é o Eça de Queiroz, é o Eça Leal.
— O quê?! Não é o mesmo? Ai os meus ricos dois contos de réis!

Interview com o sr. Monteiro Milhões.
— V. Ex.^a que pensa do monumento?
— Penso que tenho de voltar a frontaria de minha casa para o teatro D. Amélia.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXII - a guerra no ar e no mar

8

AS CONCLUSÕES DA GUERRA AÉREA

O segundo semestre de 1942 viu a guerra aérea conduzida pela aviação americana em estreita colaboração com a R. A. F. Durante esse período há que considerar duas fases perfeitamente distintas. Na primeira fase continuaram os bombardeamentos em grande escala sobre os centros industriais do Reich e dos países ocupados. É a que vai, aproximadamente, de Julho a Outubro. Deve entender-se essa fase como o prosseguimento da anterior e as suas características assemelham-se perfeitamente.

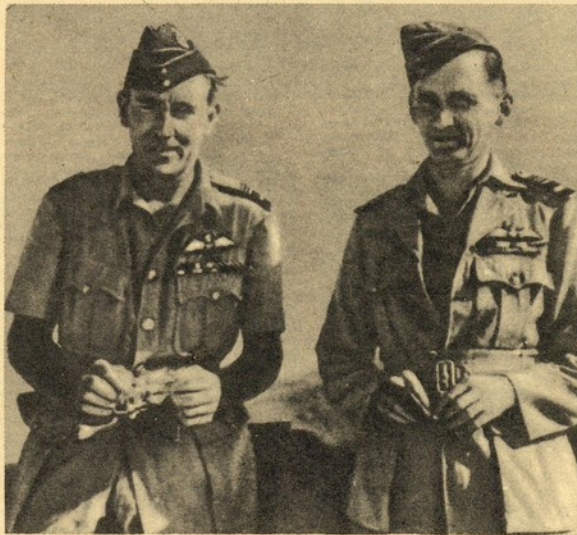
Na segunda fase, que começou com as últimas semanas de Outubro e terminou no fim daquele ano, a aviação de bombardeamento aliada reassumiu o seu papel de arma de acompanhamento e preparação ao serviço da realização dos planos estratégicos do Comando. Uma parte dela pelo menos, e uma parte relativamente importante, apareceu então distraída da tarefa dos bombardeamentos sistemáticos para actuar em regiões onde as operações militares adquiriram grande desenvolvimento.

Pode dizer-se que esta transformação coincidiu com a modificação registada no curso geral da guerra quando, em fins de Outubro, as Nações Unidas passaram à ofensiva. Foi na área do Mediterrâneo que os seus efeitos se fizeram sentir imediatamente. A aviação de bombardeamento anglo-americana tornou-se um instrumento decisivo para a realização da ofensiva que conduziu os Aliados desde as margens do Nilo até às posições defensivas avançadas da península italiana.

Assim como o marechal do ar Harris foi o cérebro e a alma dos bombardeamentos maciços sobre os territórios do continente europeu, o



Tenente-general Carl Spaatz



o vice-marechal Cunningham ao lado do marechal do Ar, Tedder, quando da campanha de África

seu camarada Artur Tedder, tendo como colaborador e auxiliar directo o vice-marechal do Ar, Cunningham, planeou e executou os projectos que, no fim, se traduziram pelo desaparecimento da Luftwaffe do céu do Mediterrâneo. Com os seus nomes deve citar-se, igualmente, o nome do general norte-americano Doolittle que teve, em todas as acções desenvolvidas naquela área, um papel muito importante.

OS RESULTADOS CONSEGUIDOS

Quando essa transformação se operou, foi legítimo perguntar se os bombardeamentos em grande escala conduzidos sobre o território do inimigo tinham provocado uma decisão da guerra, ou, pelo menos, aproximado essa decisão em condições evidentes. A resposta a esta pergunta teria de ser claramente negativo. O Reich suportou o peso da acção aérea dos anglo-americanos como os Ingleses haviam suportado o peso dos bombardeamentos da aviação alemã. O paralelo era tanto mais impressionante quanto é certo que os dirigentes do Reich, nas suas exortações, não deixavam nunca de citar o exemplo da Grã-Bretanha para encorajarem a sua própria resistência.

As condições em que os dois episódios se tinham verificado é que apreciavam sensivelmente diferentes. Essa diferença exercia-se com desvantagem manifesta para o Reich. Nem o raião de acção dos aparelhos nem o peso de bombas que estes eram susceptíveis de transportar sofriram comparação, num e noutro caso. Os métodos de ataque tinham-se aperfeiçoado em condições imprevisíveis. A duração da actividade aérea não sofria paralelo, o mesmo podendo di-

zer-se do número de aviões empregados em cada surtida.

Mas se estes pormenores, de incontestável importância e significação, tornavam as sucessivas batalhas aéreas travadas pelos Ingleses sobre a Alemanha (batalha do Ruhr, batalha dos portos, etc.) incomparavelmente mais eficazes do que a batalha do Outono de 1940 sobre a Inglaterra, as conclusões duma e outra, sob o ponto de vista dos resultados militares, e que não eram sensivelmente diversas. Nenhuma delas conduziu à rendição dum dos beligerantes ou ao seu enfraquecimento decisivo. Vistas a distância, é possível dizer que aquilo que se fez na Alemanha e na Rússia, afastando das zonas atacadas os centros de produção, isto na medida do possível, não seria realizável na Inglaterra. Para este país o prosseguimento da ofensiva aérea, sem a dispersão de forças provocada pela intervenção russa, poderia ter-se revelado fatal.

UMA TAREFA PESADA

Entre Julho e Outubro de 1942 os bombardeamentos maciços do Reich e dos países ocupados continuaram auxiliados, no fim daquele período, pela aviação americana que começou a operar em «raids» diurnos especialmente sobre a França e os Países Baixos. Por seu lado os «raids» Baedecker, levados a cabo pela Luftwaffe sobre as cidades britânicas onde abundavam as recordações históricas ou as riquezas artísticas, cessaram completamente. A principal justificação d'esse facto deve procurar-se nas exigências crescentes da frente Leste onde a progressão alemã, efectuada durante o Verão e o Outono de 1942, teve de ser servida por abundantes recursos aéreos.

A tarefa da R. A. F., durante os quatro meses que decorreram entre Julho e Outubro, foi particularmente pesada. Além dos ataques aos territórios do continente (Reich, Itália, países ocupados) cabia-lhe a missão de atacar a navegação inimiga onde quer que ela se mostrasse e especialmente nas paragens do Atlântico Norte, no Mar do Norte e do Árctico. Se juntarmos a isto o encargo permanente de lançar minas sobre toda a extensão da costa ocupada e de proteger eficazmente os comboios marítimos, quando estes se aproximavam da Grã-Bretanha, teremos uma ideia bastante aproximada da tarefa exaustiva confiada à arma aérea britânica.

Os portos foram, durante essa fase, o principal objectivo da aviação Inglesa e entre eles, com particular intensidade, os que podiam ser utilizados para a construção de submarinos. Foi neste aspecto essencial da condução da guerra por parte da Grã-Bretanha que o emprego da aviação de bombardeamento se revelou como uma autêntica modalidade do bloqueio pela lentidão dos seus efeitos. Sem dúvida, as bombas britânicas caíam em quantidades cada vez maiores sobre os estaleiros de construção de submarinos existentes na Alemanha. Mas isso não impedia que os submarinos continuassem a aparecer em grande número, e até em número crescente, em todos os locais onde a sua presença representava um perigo mortal para a Grã-Bretanha.

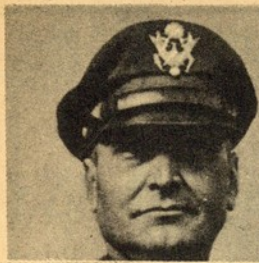
O RUHR E OS PORTOS

Assim a região do Ruhr e os portos continuaram a constituir os principais objectivos do Comando de Bombardeiros. Bremen em 2 de Julho, Wilhelmschaven em 9, Dantzig, Lubbeck e Vegesack em 11, e depois esta última cidade em 20, Duisberg, em 21, marcaram um período de actividade excepcional. Na noite de 23 para 24 daquele mês o Ruhr e a Renânia foram atacados coincidindo estes ataques com uma acção importante da aviação soviética sobre a Prússia Oriental.

Duisberg continuou a receber as visitas de «Lancasters», «Halifaxes» e «Stirlings» enquanto Hamburgo, na noite de 26 para 27, sofria o seu ataque mais pesado desde que se iniciara a batalha aérea. Este ataque foi repetido, pouco depois. Mas sobre



Brigadiero-general James Doolittle



Maj.-general I. C. Eaker

Hamburgo a aviação de bombardeamento britânica deixou algumas dezenas de aparelhos, 29 numa vez e 32 da outra. Esta defesa era tanto mais estranha quanto é certo que, nessa altura as formações de caças alemãs especialmente os eficientíssimos «Me 109» e «F.W. 190» tinham desaparecido quasi por completo do céu de França ocupada e dos Países Baixos o que facilitava muito a penetração dos bombardeiros britânicos sobre o continente. A aviação de caça alemã começava a estar suficientemente ocupada na Rússia, no Norte de África e em Malta para poder ocorrer eficazmente a todos os pontos onde a sua presença era exigida.

O dia da Independência dos Estados Unidos (4 de Julho) foi celebrado com uma extensa acção da aviação norte-americana sobre a Alemanha, facto que se registava pela primeira vez. O número de «Bostons» abatido era o preço inevitável da adaptação que a arma aérea americana pagava. Depois disso os americanos não deixaram de aperfeiçoar os seus métodos de ataque diurno, especialmente sobre o Ocidente da Europa, tornando-se permanente a actividade que, em colaboração com a R. A. F., passaram a desenvolver visando especialmente objectivos militares e industriais sobre a França ocupada, a Bélgica e a Holanda.

AGÓSTO E SETEMBRO

Em 4 de Agosto o Comando de Bombardeiros atacou o Ruhr em condições de tempo particularmente desfavoráveis e duas noites depois Duisberg suportava um novo e violento ataque. Na noite de 9 para 10 um ataque em escala apreciável sobre Osna-bruck foi acompanhado duma acção devastadora sobre o porto do Havre. Os ataques seguintes foram levados a cabo contra Maastricht (11-12 e 12-13), Coblentz (11-12), Alemanha ocidental (15-16) e Osna-bruck (17-18). Em 21 daquele mês deu-se um grande encontro entre uma formação de «Fortalezas Voadoras», que procuravam atravessar o Mar do Norte, e algumas esquadrilhas de F. W. que as obrigaram a retroceder. A bordo das «Fortalezas» registaram-se algumas vítimas mas todas elas puderam regressar às suas bases.

A última semana de Agosto foi assinalada por três «raids» de graves consequências: a Francfort e a Wiesbaden (24-25), a Cassel e a Gdynia (27-28), a Sarrebruck e a Nuremberg (28-29). Nestes ataques foram derrubados 76 aparelhos alemães. Os estragos produzidos em todos os objectivos visados foram muito sensíveis. O mês de Setembro iniciou-se com um ataque a Sarrebruck (dia 1) e continuou com «raids» sobre Karlsruhe (2-3), Breme (4-5), Francfort (8-9), Düsseldorf (11), de novo Breme (13-14), as cidades do Ruhr (16-17) sendo derrubado 39 dos aparelhos atacantes, sobre Essen e o Sarre (19-20), sendo estas acções empreendidas simultaneamente com a actividade da aviação americana durante o dia. O contingente da aviação americana que se encontrava na Grã-Bretanha, e que devia constituir o 8.º Corpo de Exército aéreo dos Estados Unidos, era comandado pelo general Carlos Spaatz que tão grande notoriedade devia alcançar depois pelos seus feitos em África e na Itália. O general Spaatz tinha como seu colaborador directo o general Ira Eaker que lhe sucedeu quando ele foi transferido para o teatro de operações de África e do Mediterrâneo. Ambos tiveram ocasião de se afirmar como peritos aeronáuticos de primeira ordem durante esse período de iniciação.

NOVOS MODELOS DE APARELHOS

A aviação anglo-americana fez, por essa altura, uma demonstração das

suas possibilidades para a hipótese duma eventual invasão do continente. Durante o «raid» a Dieppe se formaram as «Fortalezas Voadoras» sob o comando do R. A. F. actuaram energeticamente sobre os aeródromos utilizados pelo inimigo conseguindo evitar que a aviação deste intervisse na operação durante um largo espaço de tempo. Num «raid» sobre Amiens, realizado em 20 de Agosto por uma poderosa formação de bombardeiros americanos escoltados por mais de 500 caças britânicos, foi possível verificar o grau de aperfeiçoamento que alcançara a colaboração anglo-americana no domínio aéreo.

Esta colaboração estendia-se às esquadrilhas de aviadores canadianos, neo-zelandeses, polacos, checos e franceses-livres, sendo os ataques realizados por tripulações mistas que provaram a sua eficiência e o grau de adestramento alcançado. As formações de caças que tomam parte nestas expedições totalizavam algumas centenas de aparelhos de todos os tipos usados pela aviação dos Aliados.

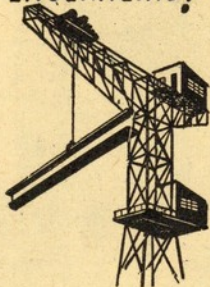
Estes tipos de aparelhos justificavam, amplamente, as esperanças que os seus construtores ingleses tinham depositado. Foi por essa altura que os aviões «Mosquitos» fizeram a sua aparição sensacional durante um «raid» levado a cabo sobre a cidade de Oslo onde os partidários do major Vidkun Quisling se preparavam para realizar uma grande revolta política. A reunião foi interrompida e alguns centros das tropas de ocupação na Noruega ficaram destruídos tendo-se perdido, durante a luta que se travou, um dos aparelhos atacantes.

A acção diurna dos «Bostons» e a acção nocturna dos «Ancesters» classificaram rapidamente estes tipos de bombardeiros entre os melhores e os mais eficazes que a indústria aeronáutica tinha até então produzido. O aparelho de cooperação «Mustang» apareceu também nesta fase da guerra e documentou a excelência da sua construção desde as primeiras provas que prestou.

OS ATAQUES À GRÃ-BRETANHA

Por motivo das razões já apontadas, depois da realização dos «raids»

É ENGENHEIRO?



Como nem sempre terá tempo para envergar o seu fato de trabalho em serviços que reclamem a sua presença imediata, sujeita-se a enrugar e a manchar os seus melhores fatos.

O CASULO LIMPA FATOS dá aos seus fatos novo apresto. Ficam como se viessem do alfaiate e com maior duração.

Tira-lhes o lustro, as nódoas e o mau cheiro, desinfecta e limpa. É um produto maravilhoso, fabricado com seis substâncias químicas diferentes e inofensivas que actuam sobre os tecidos, renovando-os.

Cada pacote custa \$2.00 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drograrias do País.

REVENDA:
RUA DA MADALENA, 128, 2.º
LISBOA



«Baedecker» o ritmo da actividade da Luftwaffe sobre o território britânico diminuiu em proporções apreciáveis. A aviação alemã fazia «raids» diurnos e nocturnos usando, em cada um deles, um pequeno número de aparelhos e empregando dois métodos diferentes. De dia visava especialmente as cidades costeiras ao longo do canal com aviões isolados ou formações insignificantes; de noite dispersavam-se os bombardeiros enviados sobre uma larga área mas a duração dos ataques era excessivamente pequena, quasi não permitindo a réplica da caça britânica. O objectivo essencial da aplicação destes métodos consistia em manter a aviação inimiga em estado de alerta sem sacrificar os seus efectivos naturalmente reduzidos.

O estado de alerta estendia-se à área de Londres onde, de vez em quando faziam a sua aparição aparelhos alemães isolados que deixavam geralmente cair as bombas que transportavam sobre os arredores da capital da Grã-Bretanha. O único bairro de emvergadura da Luftwaffe que se registou contra Londres durante esse período, foi levado a cabo na madrugada de 28 de Julho por uma formação de cerca de sessenta bombardeiros do Reich que produziram estragos apreciáveis em alguns bairros da cidade. Birmingham também sofreu um ataque de razoáveis proporções, em 30 de Julho, mas os estragos não foram tão sensíveis como em Londres. No decurso deste mês a acção da aviação de caça britânica foi particularmente eficaz tendo sido abatidos, sobre o território da Grã-Bretanha, 43 aparelhos alemães.

O mês de Agosto acabou, porém, como dissemos um declínio sensível da actividade da Luftwaffe registando-se apenas dois «raids» insignificantes um contra Edimburgo e outro contra Bristol. Em Setembro o declínio a que nos referimos tornou-se evidente, podendo dizer-se que foi praticamente nula a acção da arma

LUCINDA & INEZ, L.ª

ALTA-COSTURA

Visitem os nossos Ateliés onde estão expostos os últimos criações de

VESTIDOS, CHAPEUS, LINGERIES E PELES.

Rua de D. Estefânia, 117, 1.º

aérea do Reich contra a Inglaterra. Aproximava-se o momento em que a guerra ia entrar numa nova fase e todos os beligerantes se preparavam para ela.

Durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, as perdas da aviação alemã sobre o território britânico foram, respectivamente, de 55, 42 e 25 aparelhos. Nos mesmos meses o número de vítimas, em consequência dos ataques sobre a Inglaterra foram entre a população civil em número insignificante sobretudo quando se estabelecia o paralelo com as consequências desastrosas dos ataques realizados na mesma época, em 1940 e mesmo ainda em 1941.

A aviação naval britânica desenvolveu uma acção muito intensa durante esse período, quer em serviços de vigilância quer em serviços de protecção. O Almirante anunciou que, devido a essa acção, foram destruídos em Julho quatro aparelhos inimigos e em Setembro quarenta, durante os combates aéreos travados sobre o Arctico para abrir caminho a um grande comboio que se dirigia à Rússia transportando material de guerra e abastecimentos.

(Continua)

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

É um medicamento sério e curto para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Vida MUNDIAL

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES		ESTRANGEIRO (com convenção)	
3 meses (13 números).....	13\$00	6 meses (26 números).....	40\$00
6 " (26 ").....	26\$00	12 " (52 ").....	80\$00
12 " (52 ").....	52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)	
ÁFRICA PORTUGUESA		6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00	12 " (52 ").....	94\$00

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
6,45	WRUL	38,4 m.	WRUW	49,6 m.	WKLJ	39,6 m.
7,45	WRUL	38,4 m.	WKLJ	30,7 m.	WKJS	39,6 m.
8,45	WKLJ	30,7 m.	WKTS	39,6 m.	WBOS	48,9 m.
11,45	WKLJ	19,6 m.	WGEO	19,5 m.		
12,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.	WBOS	19,7 m.
13,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.		
16,45	} WRUS	19,8 m.				
17,45						
18,45	WGEO	19,5 m.	WRUS	19,8 m.		
19,45 às 20,15	} WRUS	19,8 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.			
20,45			WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.
21,45	} WKLJ	30,7 m.				
22,45						

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na frequência de 48,43 m., 41,86 m., 31,41 m. e 25,09 m.

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA.**

**FRANCISCO CANARO
e a sua Orquestra Argentina**

TEM TODOS OS SEUS GRANDES
EXITOS GRAVADOS EM DISCOS

Acaba de chegar uma *nova remessa* com todos os números há tempo esgotados como:



**MELODIA ORIENTAL,
OJOS NEGROS,
SALUD, DINERO
Y AMOR, LA CUM-
PARSITA, etc.**

OIÇA-OS NOS:

Est. Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviámos grátis catálogos das últimas novidades

PETROLEO COM IODO CLIPER'S

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao Iodo que o produto contém

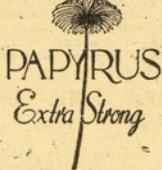


Nem um só cabelo!

Preço a cobrança **CLIPER'S** Pedidos aos distribuidores
FRASCO 20 ESCUDOS
LOURENÇO FERREIRA DIAS, R. Flores, PORTO — COSTA, PINTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



**CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE**



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

PASTA MEDICINAL

Couto

CURA estomatites

TRATA as doenças da boca

CONSEQUÊNCIAS

de uma boa ideia

UMA NOVELA DE *Marcel Damian*

Traduzida por
Eugénio Navarro

Com desenho de
Manuel Lima



ICAM. Naquela época eu não tinha emprego. De resto, nunca o tinha tido até ali. Por isso mesmo me sentia livre como os ares do céu e, como eles, vivia. Não fazia ideia como é bom não mandar nem servir. É certo que a miséria, às vezes, me esmagava, me oprimia. Mas que estou eu para aqui a dizer? Não disse Plutarco (para dizer a verdade, não posso jurar que fosse ele ou outro que o dissesse, mas o seu nome foi o primeiro que me veio à mente) que é bom habituar o estômago à fome e o ânimo à dor?...

Como ia dizendo, eu era livre. De manhã acordara com uma ideia genial, daquelas ideias que raras vezes acorrem ao espírito humano... E ao meio-dia (não sei se sabem que é a esta hora que as autoridades recebem os pretendentes a qualquer coisa) apresentei-me, com a minha ideia, na sala de espera que antecede o gabinete do presidente da Câmara Municipal.

O continuo perguntou-me com delicadeza:
— O senhor?
— Quero falar com o sr. Presidente.
— Diga-me o seu nome, se faz favor...
— Fulano de Tal.
— Fulano de Tal?
— Sim, Fulano de Tal.
— Em que se emprega?
— Essa é boa! Não estará a ser indiscreto? Que se importa o senhor com o que eu faça? E por que é que uma pessoa há-de ter uma ocupação?
— Desculpe-me, mas é costume. O senhor Presidente...
— Pois bem, diga ao senhor Presidente que sou vagabundo de profissão! Percebeu? Vagabundo!

O continuo não me acreditou. Compreendi pelo seu sorriso embaraçado que não me acreditava. O idiota pensava que eu pretendia fazer espírito. Por fim, o Presidente mandou dizer que me recebia. Depois, é claro, de me ter feito esperar algum tempo, porque o senhor Presidente deve estar sempre, por princípio, muito ocupado! Fui encontrá-lo a passear, para trás e para diante, no seu gabinete, assobiando e fazendo estalar os nós dos dedos.

«No fim de contas — pensei — cada um em sua casa é rei!» E o senhor Presidente estava na casa dele. Belo gabinete! Pinturas pelas paredes, tapetes cobrindo o chão, uma fotografia do Conselho Municipal, com o Presidente ao meio, o retrato do Ministro do Interior, poltronas de couro e uma secretária estilo Luis... não sei quantos...

— Que bem-estar, não é verdade, Presidente?
O tutor da cidade olhou para mim, atônito, como para um animal raro, depois assumiu uma atitude grave e disse:

— Ilustre senhor, antes de saber com quem tenho a honra de falar, peço-lhe o favor de não ser insolente, compreendeu?

Não me senti ofendido. E por que havia eu de me ressentir? Era opinião dele que eu fôra insolente. Estava muito bem. Respeito sempre as opiniões alheias.

— Devagar, senhor Presidente! — disse-lhe eu. — Não se atire a mim como gato a bofe. Temos de tratar de coisas muito graves.

E enterrei-me, comodamente, na poltrona.

— Ah! como se está bem em sua casa! — acrescentei para o lisonjear. — E acendi um cigarro fino, muito perfumado, que tirei duma caixa que o senhor presidente tinha em cima duma mesinha.

— Mas, senhor! — protestou o pai do concelho — diga, depressa, o que me tem a dizer, mas lembre-se do lugar onde está e seja bem educado!

Calei-me. Assim é que é. Quando se têm de dizer coisas importantes é preciso pensar um bom bocado antes de falar. O senhor Presidente deixara de assobiar. Também observei que tinha os punhos fechados.

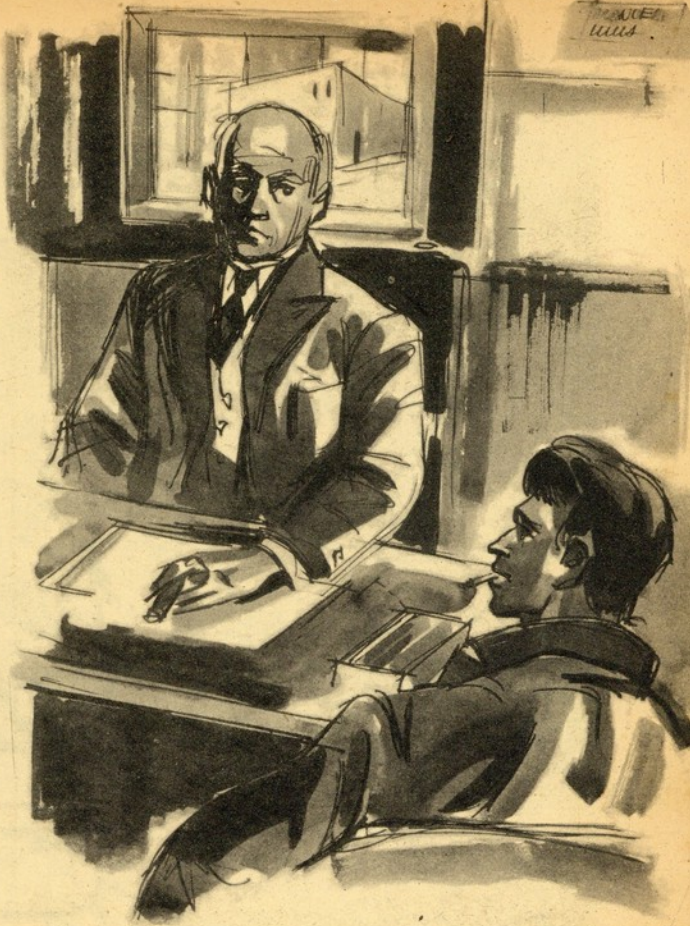
— Vim com intenções pacíficas, senhor Presidente, não esteja preocupado.

— Numa palavra, o que deseja?
— Não tenho emprego... nem ofício nem benefício...
— Não tenho agora vaga nenhuma — apressou-se a interromper-me.
— Isso é consigo. Que me importa a mim que a Câmara tenha ou não tenha lugares vagos? Não vim cá para pedir nenhum emprego!...

— Mas, senhor!
— Vê? Porque é que não está sossegado?

— Mas diga, por uma vez, o que quer de mim!

— Senhor Presidente, eu sou vagabundo... de profissão, como se costuma dizer. Não tenho família e não possuo um centavo de meu; não tenho nada:



nem mulher, nem casa... numa palavra, começo a aborrecer-me e, além disso, só tenho a pele e o osso e ando quasi nu... como se vê. Pensei então por que é que, afinal de contas, eu não havia de viver também na abundância, pelo menos uma semana? Ou, então, se isso não fôr possível... por que é que não hei-de acabar, por uma vez, com a miséria da vida?

— Mas que diabo me está você a dizer? — perguntou, espantado, o pai do concelho, um pouco mais calmo.

— Procurei-o — prossegui, acendendo outro cigarro — para lhe propor um negócio.

Calei-me e puxei uma fumaça.

— Diga qual é!

— Os vagabundos, não é verdade, são enterrados à custa da Câmara.

— São! — respondeu o senhor Presidente sem interesse.

— E a quanto monta, pouco mais ou menos, a soma das despesas que se fazem com tais indivíduos?

— Que lhe importa saber?

— Importa-me muito. A quanto monta?

O Presidente disse-me uma soma fabulosa para a minha miséria. Sorri. Podia viver bem, com tal quantia, durante alguns meses.

— Ora aqui está o negócio que lhe proponho...

— Vamos lá ver!

— Se eu me suicidasse, a Câmara tinha que me pagar o entêrro. É verdade, ou não?

— Sim, sa não tivesse pinguém que...

— Muito bem. Pois o negócio é este: consinto em viver, se ordenar que o tesoureiro me pague a quantia que se gasta no funeral dum vagabundo de primeira classe. Já que sou um vagabundo excepcional... Em última análise, posso interessá-lo no negócio...

— Diga lá isso outra vez! — e começou a agitar-se na cadeira.

— Pense bem, senhor Presidente; se me suicidou, terá que resolver uma quantidade de sarilhos: processo verbal, caixão, carrêta, coroas de flores, discursos... ao passo que, fazendo como eu digo, é simplicíssimo: manda que o tesoureiro me pague a importância que se teria de gastar com todas essas palermices e, além disso, eu não me suicidou...

O Presidente vacilou como se alguém lhe tivesse assestado um valente murro na nuca. Tornou-se lívido, encrespou as sobrancelhas... tomou, numa palavra, todo o aspecto dum homem fora de si... e começou a berrar.

— Este homem está doido! Rual Rual Rual!

Seguiu-se uma cena indescritível. Confesso que tenho uma memória de ferro, mas não sou capaz de me lembrar como é que me achei na rua! Mas que assim aconteceu, lá isso aconteceu. E, sem dúvida nenhuma, muito depressa. Enquanto um velhote bondoso me sacudia o pó do fato, todo amarrado — já se vê que eu tinha descido a escada em diversas posições — lembro-me de ter dito em voz alta:

— Não percebo porque é que há-de haver no mundo pessoas tão nervosas!

BEAVERBROOK — Lord do Selo Privado, antigo ministro das Informações e, em 1940, ministro da Produção Aero-náutica. Político de carreira e jornalista — é proprietário do «Sunday Express», do «Daily Express» e «Evening Standard» — é, também, escritor de larga projecção na sociedade britânica. A sua missão em Moscovo, a sua passagem pelos vários ministérios e, sobretudo, a sua tenacidade e actividade fizeram de Lord Beaverbrook uma figura popular e ao mesmo tempo prestigiosa da política inglesa.

(Caricatura de Santana)



SANTANA

MARIA DOMINGAS VAI ESTREAR-SE NA RÁDIO!



MARIA Domingas! Lembram-se dela, com certeza. Veio do Teatro, da legião anónima das «girls», para o cinema. Foi Jorge Brum do Canto que a descobriu. E lançou-a no seu filme «O João Ratão». Maria Domingas, os olhos mais bonitos do nosso cinema, fresca, graciosa e cem por cento portuguesa — impôs-se, desde logo, à consideração do público. Estava ali uma vedeta — não havia dúvida. E apareceu depois «Lóbos da Serra», onde uma indumentária inverosímil, comprometeu a figura por ela criada. A «Guida», da aldeiazinha junto de Arcos-de-Val-de-Vez, vestia os ricos trajos à moda do Minho, mas calçava pelos modelos do Chiado e usava, à noite, umas camisas de renda, demasiado vampirescas para uma cachopa, capaz de arrostar com a cheia, só para ir ao estábulo salvar a vaca, prestes a morrer afogada.

E um belo dia, Maria Domingas desapareceu. A sorte das nossas vedetas já todos sabem qual é: depois dum êxito, quando começam a caminhar nos estúdios pelo seu pé, vem o Amor — e zás... nunca mais ninguém as vê! Porque o Amor em



Portugal é exclusivista, feroz, feito de ardências, de zêlos e de tremendas cenas de ciúme — tudo isto, talvez, pelo sangue mouro que nos corre ainda nas veias... Não sabemos se foi exactamente o amor que arrebatou Maria Domingas à luz dos projectores. O certo é que ela adoeceu — e durante mais dum ano curou-se dum mal de imaginação, que a forçou a longos e solitários repousos, lá nos confins de Portugal...

Um destes dias, no Chiado, apareceu uma Maria Domingas mais bonita, mais garrida, mais vedeta do que nunca. As gazetas já haviam falado dela, quando ganhou, na Curia, o prémio do chapéu «ristico» improvisado... Mas é possível que o leitor não haja identificado a vedeta quando, na lista das vencedoras, leu o nome Maria Domingas da Cunha Menezes — o nome que usa, na sua vida privada.

Maria Domingas está disposta, outra vez, a travar a luta pela sua carreira. Jorge Brum do Canto vai fazer com ela o seu próximo filme. E no próximo sábado ouvi-la-emos na Hora de Variedades da Emissora Nacional. Porque a notícia é esta: Maria Domingas depois de se ter popularizado como vedeta do Cinema, vai tentar essa outra aliciante modalidade que é cantar para um público invisível.

E está nervosíssima — confessou-nos — com essa idéal...

— Calcule! Depois de dois anos, enfrentar de novo esse implacável microfone... No cinema, ainda temos um recurso! Se o engenheiro do som diz que a coisa não vai bem — repete-se. Mas, agora, meu Deus, o que vai ser!

Exageramos a responsabilidade no louvável propósito de a assustar ainda mais:

— Pense bem, Maria Domingas. Vai ser uma prova decisiva para a sua carreira. Ou agora, ou nunca...

Maria Domingas encara-nos assustada:

— Achal... Se o público não gostar, desisto de vez...

Tranquilizámo-la... O microfone é afinal um aparelho simpático. Até dá voz aos que a não têm. E o público, lembrando-se da sua vedeta, há-de gostar de ouvi-la, outra vez. E perdoar-lhe-á qualquer falta, atendendo ao nervosismo...

Maria Domingas parece mais tranquila. E só deixa de sorrir quando a advertimos, com uma expressão de extrema gravidade:

— Tenha cautela, Domingas! Há uma coisa que é preciso evitar! e como V. sabe o êxito depende de pequenas coisas...

— ?...

— ...Não inclua, no reportório, pela sua rica saúde, a «CaCntiga da Primavera...». De contrário, vamos ter outra vez a epidemia, que começa assim:

Anda o campo cheio

Cheio, cheio, cheio

Da canção dos ninhos...

Maria Domingas promete, solenemente, não cair em tentação.

— No próximo sábado estejam atentos, quando o Jorge, com a volubilidade que lhe é habitual, anunciar:

— Atenção! Vão agora ouvir, Maria Domingas, a vedeta do «João Ratão» e dos «Lóbos da Serra» na canção...

...E o resto, leitor, dirá êle depois.

227. 4/10/1913



Eve Curie, a mais conhecida das filhas de Maria e Padre Curie, deixou os Estados Unidos e seguiu para a Inglaterra. Lisboa lembra-se da quando há poucos anos ela passou pelos seus salões, inundando de graça parisiense os nossos olhos e ouvidos. Foi para a América, não acreditou nunca na derrota da França e trabalhou sempre para que os outros também não acreditassem. Escritora e conferencista, portadora de um nome que era a própria legenda da história da França, com todos os seus sacrifícios, vitórias e esplendores — Eve Curie foi bem recebida em toda a parte e em toda a parte colheu frutos das sementes que o seu trato pessoal prodigalizava. Agora, sorridente, ei-la, tal qual no-la mostra este 'cliché', acaba de se alistar no exército de Voluntárias Francesas — um serviço auxiliar idêntico ao Womens Army Corps, dos Estados Unidos.